

ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

CAMILA MEURER JANDREY

AFOGAR-SE: AS VERDADES DENTRO DOS MEDOS FANTÁSTICOS

Porto Alegre
2023

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

CAMILA MEURER JANDREY

AFOGAR-SE

AS VERDADES DENTRO DOS MEDOS FANTÁSTICOS

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado à Escola de Humanidades, Curso de
Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul, como requisito
parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em
Escrita Criativa.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil

Porto Alegre

2023

CAMILA MEURER JANDREY

AFOGAR-SE

AS VERDADES DENTRO DOS MEDOS FANTÁSTICOS

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado à Escola de Humanidades, Curso de
Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul, como requisito
parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em
Escrita Criativa.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil

Prof. Dr. Altair Martins

Prof^a Danusa Oliveira

Porto Alegre

2023

Para a Uva,
eu sinto tua falta todos os dias

AGRADECIMENTOS

O ato de escrever pode ser bastante solitário, porque é um momento de introspecção. Ainda assim, eu não apresentaria este trabalho se estivesse sozinha.

O agradecimento inicial precisa ir para meu pai e minha mãe, porque sem vocês o sonho de fazer este curso seria impossível. Muito do que me move ainda hoje é essa vontade de deixá-los orgulhosos, porque vocês me ofereceram todas as oportunidades possíveis (e mais algumas). Sem vocês eu não estaria aqui, obrigada por me permitirem viver minha verdade (e eu sei que não foi fácil).

Às minhas irmãs, um obrigado é pouco. A influência de vocês me tornou a pessoa que eu sou hoje, e os traços da minha personalidade que mais me causam orgulho vieram de vocês. Com muitas discussões, desentendimentos e amor, vocês me ensinaram a ler, a dividir e a ser família. Obrigada por constantemente me incentivarem a ser uma irmã e uma pessoa melhor.

Eu não tenho muitos amigos, mas os que eu tenho já foram colocados à prova algumas vezes. Tets, Karol e Callis, vocês estão comigo desde que eu me conheço por gente. Passamos por crises de ansiedade, ataques de pânico e discussões sobre louça na pia. Vocês estiveram comigo em todos os meus primeiros — o primeiro dia de escola, o primeiro beijo, a primeira mudança de casa e o primeiro emprego. Mesmo longe, vocês também estão comigo enquanto alcanço o primeiro diploma. Vocês são a família que eu escolhi e que me escolheu de volta.

Vivi, eu preciso te dar um parágrafo porque tu esteve comigo todos os dias desta jornada. Me inscrevi no curso na sala da tua casa, no teu computador, e tu tem sido minha maior parceira esse tempo todo. Tu é a única pessoa que já leu tudo que eu escrevi, é minha maior fã, assim como eu sou a tua, e nenhum dos meus livros existiria se a gente não tivesse se apaixonado pela arte de escrever fanfics ainda na adolescência. Obrigada por dividir meus surtos e ser minha companheira de trabalho e de vida.

Um último agradecimento ao Nício, meu namorado, porque a gente se conheceu um dia antes de eu começar presencialmente o curso e parece ter sido destino. Tu esteve comigo em cada passo dessa jornada maravilhosa que foi o curso de Escrita Criativa, e o amor que sinto por ti só me trouxe inspiração.

Sem mais delongas, obrigada aos professores e à Andrezza, que dividiu conhecimento e o amor ao gênero Terror comigo.

O romancista é, afinal de contas, o mentiroso de Deus e, se ele fizer bem o seu trabalho, mantiver a calma e a coragem, ele pode encontrar, às vezes, a verdade que vive no centro da mentira.

— Stephen King, *Dança Macabra*

RESUMO

Este trabalho analisa a relação íntima que existe entre realidade e fantasia, em especial dentro do gênero Terror. As definições trazidas sobre terror deixam claro que o gênero é definido pelos sentimentos que essas narrativas causam em quem as lê, o que exige muito tanto da pessoa escritora quanto da pessoa leitora. Numa história de fantasia sombria, é a partir da subjetividade do que é real que se cria identificação entre quem lê e os personagens da obra. A fim de conceituar “verdade” e fazer o contraponto com a realidade fantástica, o livro *A paixão segundo G.H.* foi analisado. Clarice Lispector é uma escritora que se dedicou a compreender a alma humana, por isso sua obra traz diversos elementos que estão no cânone do terror — ela causa desconforto ao trazer verdades internas desagradáveis. Além disso, o conceito de “horror feminino” trazido por Crane (2022) também nos ajuda a compreender o terror fantástico embasado na realidade, em especial quando pensarmos na realidade da mulher. Stephen King relaciona fantasia e poder, outro conceito intimamente relacionado ao terror, que muitas vezes acontece na impotência, quando não se sabe mais o que fazer para escapar de situações aterrorizantes. Analisamos como isso se concretiza no livro de fantasia sombria de Gruber (2021), *A Floresta*, que traz os principais elementos do horror feminino e da perda de poder abordada por King (2013). Todos esses conceitos estão intimamente relacionados ao texto criativo que segue o ensaio, no qual acompanhamos a primeira metamorfose de Jasmim, uma menina de Santa Catarina que busca se reconectar consigo mesma após vivenciar uma perda importante. Jasmim se transforma em sereia e a novela aborda as inseguranças que essa transformação lhe traz (em especial a violência que vem acompanhada dessa mudança), mas o trecho que acompanha o ensaio acontece antes da metamorfose, enquanto ela experiencia a primeira quebra de confiança que a leva a questionar o que é real e o que é mentira na sua realidade.

Palavras-chave: Fantasia. Horror feminino. Medos. Fantasia sombria. Verossimilhança.

ABSTRACT

This paper analyzes the intimate relationship between reality and fantasy, especially in the genre of terror. The definitions brought about terror make it clear that this genre is defined by the feelings that these narratives invoke in those who read them, which demands a lot of both the person who writes them and the person who reads them. In a dark fantasy story, it's the subjectivity of what's real that creates the identification between reader and book character. In order to conceptualize "truth" and bring the counterpoint with reality in fantasy, the book *A paixão segundo G.H.* was analyzed. Clarice Lispector is a writer who dedicated herself to understanding the human soul, which is why her work brings many elements that are in canonic horror — she causes discomfort by bringing internal unpleasant truths. Beyond that, the concept of "female horror" brought by Crane (2022) also helps us understand the fantastical horror that is rooted in reality, especially when we think about the reality of women. Stephen King (2013) relates fantasy and power, another concept intimately related to horror, which often happens in the absence of power when one does not know what else to do to escape horrifying situations. We analyze how that happens in Grubers (2021) dark fantasy book *A floresta*, which brings the most important elements of female horror and of Kings losing of power. All those concepts are intimately related to the creative text that follows, in which we follow the first metamorphosis of Jasmim, a girl from Santa Catarina who seeks to reconnect with herself after losing someone important. Jasmim transforms into a mermaid, and the novel explores the insecurities that this transformation brings (especially the violence that comes along with this change), but the text that follows this essay happens before her metamorphosis, while she experiences the first break of trust that leads her to question what is real and what is a lie in her reality.

Keywords: Fantasy. Female Horror. Fears. Dark Fantasy. Verisimilitude.

SUMÁRIO

1 PREFÁCIO	13
2 AS VERDADES DENTRO DOS MEDOS FANTÁSTICOS.....	14
2.1 INTRODUÇÃO	14
2.2 A REALIDADE SEGUNDO G.H.....	15
2.2.1 Os elementos do terror	18
2.3 A REALIDADE NA FANTASIA.....	18
2.3.1 A Floresta, Gruber	19
2.4 CONCLUSÃO	21
3 AFOGAR-SE	22
Prólogo	22
Capítulo 1	23
Capítulo 2	28
Capítulo 3	39
Capítulo 4	47
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	57

1 PREFÁCIO

Cada gênero literário tem mitos e falácias. Minha jornada literária é curta, mas já respondi de diferentes maneiras à temida pergunta “e o que tu escreves?”. Quando meu foco era o romance romântico, tratavam-me como se eu fosse meio boba e ingênua; ao assumir que escrevia erótica, recebi (com surpresa) um interesse genuíno de diversos conhecidos que viram essa revelação como convite para me contarem suas intimidades (não era um convite, mas a conversa foi muito bem-vinda). Meu foco depois desviou para o Romance Policial, único gênero em que não fui recebida com pré-julgamentos negativos, mas logo segui para a Fantasia, gênero que me causou bastante dor de cabeça. Até esse momento, eu não tinha percebido como é popular a ideia de que Fantasia é sinônimo de história sem conteúdo — seja por seguir na linha infanto-juvenil, seja por tratar de romances eróticos em universos medievais.

Foi ao entrar no Terror, porém, que encontrei a maior surpresa, porque o julgamento passou de “ela tem gostos estranhos” para “ela é uma pessoa estranha”; o que eu escrevo deixou de representar uma parte do que eu gosto e passou a ser visto como algo que sou.

Após essa primeira reação de repúdio, ouvi muito o famigerado “nunca consegui me assustar com um livro de terror”. Assim como King aponta em *Dança Macabra*, acredito que isso venha das expectativas que se criam quando pensamos que livro e filme causam os mesmos sentimentos. Não se pode pegar uma narrativa escrita e esperar que se sinta o mesmo pânico interno que se tem ao ver o monstro no espelho junto de um protagonista numa tela. Não temos *jump scare* num livro, porque o *jump scare* é uma junção de tensão sonora e visual — ninguém pula ao ler um livro de Terror, nem se esconde debaixo das cobertas, nem cobre os olhos. Assistir a um filme é uma atitude passiva, o filme acontece e nós o experienciamos seja de olhos fechados ou abertos; a leitura é sempre uma escolha. (Isso varia em audiolivros, claro, e sempre podemos pausar o filme ou trocar de filme, mas ainda costumamos escolher a passividade.) Com a leitura não é assim, e esse controle já muda a experiência de ler Terror.

O que quero explorar neste ensaio é a relação íntima entre a realidade e a fantasia, em especial quando lidamos com o terror fantástico. Escolhi fazer isso usando como base teórica principal o livro *Dança Macabra*, do Stephen King e como aporte literário os livros *A paixão segundo G. H.*, da Clarice Lispector, e *A Floresta*, do Daniel Gruber.

2 AS VERDADES DENTRO DOS MEDOS FANTÁSTICOS

2.1 INTRODUÇÃO

A fim de discutirmos o terror fantástico e como ele explora a “verdade” para causar medo nos leitores, precisamos estabelecer alguns conceitos. A questão dos gêneros literários causa algumas discussões dentro do universo acadêmico, porque novos conceitos sempre estão sendo elaborados e diferentes termos se consagram no uso popular.

Para este trabalho, vamos considerar a definição de terror que Reys (2016) nos traz; de acordo com ele, o terror é um gênero que engloba narrativas que busquem causar medo, choque ou nojo nos leitores, junto de receio e suspense. Após analisar algumas concepções de Lovecraft e Todorov, Melo (2011, p. 23) conclui: “Assim, uma obra de horror não deve ser avaliada somente pela intenção do autor ou pela mecânica do enredo, mas pelo plano emocional que o leitor atinge ao estabelecer contato com o gênero”.

Percebemos, então, que o gênero terror está intimamente ligado à pessoa que lê o texto. Dessa forma, podemos pensar também que a maneira como o horror é escrito e interpretado por pessoas de diferentes gêneros sexuais é distinta. A autora Cassidy Crane traz um conceito muito interessante de “horror doméstico feminino”, em especial ao afirmar que “o horror doméstico feminino não se trata de criar novos medos no leitor; ao contrário, é sobre expressar os maiores medos da mulher, que já foram realizados” (*tradução minha*, CRANE, 2022, p. 3).

Apesar de ter meus problemas pessoais com a definição de “horror feminino”, as análises de textos de terror escritos por mulheres que ela traz no ensaio são bastante interessantes, ainda mais porque se enquadram também no texto analisado neste ensaio. A violação do corpo, a falta de controle, a pressão social e a necessidade de pertencimento são assuntos muito recorrentes em textos escritos por pessoas que se identificam como mulher. O próprio livro *A Paixão Segundo G.H.*, que não é um livro de terror, mas traz muitos elementos do terror, aborda essas questões de identidade interna e externa com muita maestria.

Outra análise interessante que a autora traz diz respeito ao sobrenatural: “O horror doméstico feminino se concentra ao redor dessas instituições patriarcais que existem para agradar ao homem e controlar a mulher, e, embora a presença de elementos sobrenaturais possa adicionar ao terror, eles majoritariamente só amplificam o que já está ali” (*tradução minha*, CRANE, 2022, p. 8). Isso se enquadra ao pé da letra no livro *A floresta*, como veremos mais adiante, que tem como foco de terror a violação do corpo (física e mentalmente) da protagonista Anna.

Ao tratarmos do fantástico, Melo nos traz os conceitos de “fantástico estranho” e “fantástico maravilhoso” idealizados por Todorov. “O ‘fantástico estranho’ ocorre quando se confirma que o evento inusitado se trata de um produto da imaginação. Já o ‘fantástico maravilhoso’ acontece quando o fato é confirmado e entende-se que a realidade é regida por leis desconhecidas.” (MELO, 2011, p. 44). O autor também nos traz algumas definições referentes aos romances góticos do século XIX, mas elas acabam retornando ao maravilhoso e ao estranho.

Dentro do universo virtual de publicações independentes (seja de livros, de contos ou de textos aleatórios em sites), alguns termos acabaram se consagrando junto ao público escritor. Uma história majoritariamente de terror com elementos do fantástico é classificada como “Terror fantástico”; uma história majoritariamente de fantasia que tenha cenas de terror pontuais e mantenha uma atmosfera mais pesada é chamada de “Fantasia sombria” (ou *Dark Fantasy*, já que o termo veio do inglês).

Retomando a ideia de que o horror está intimamente relacionado ao leitor do gênero terror, faz-se necessário discutirmos o que é “verdade” e realidade. Para que um livro nos cause receio ou angústia, é preciso que a pessoa leitora se identifique de alguma forma com a personagem ou a situação vivida no livro, o que pode ser difícil para algumas pessoas em livros de fantasia, tão distintos da realidade. Apesar disso, a própria realidade não é binária; uma mesma situação pode ser interpretada de maneira positiva ou negativa a depender de quem a vive.

Assim, trouxe o livro *A paixão segundo G.H.* para analisarmos essa questão de o que é real e o que é inventado ou fantasioso, já que o livro traz várias reflexões interessantes sobre os papéis que nos forçamos a exercer (querendo-os ou não, acreditando neles ou não). Objetivo conectar fantasia e realidade a partir de uma análise superficial deste livro e, em seguida, analisar o horror doméstico feminino dentro do livro *A floresta*.

2.2 A REALIDADE SEGUNDO G.H.

A experiência de ler *A paixão segundo G.H.* é única. Eu li este livro em parcelas; primeiro li as primeiras 30 páginas e desisti, em partes porque não estava preparada para lidar com essa ideia de realidade construída que G.H. nos traz, em parte porque não compreendi por completo o livro. Anos depois reli o início e consegui chegar à metade, perto da página 90, antes de assumir derrota; acho que minha alma ainda não estava pronta. Foi só agora que consegui ler o livro inteiro, e faço a ousada declaração de que ele possui todos os elementos de

uma boa história de terror (mesmo que não seja uma). Existem diversas maneiras de interpretar e ler esta obra, porém o recorte para este ensaio consiste apenas em analisar a verdade e a realidade que nos são apresentadas nas primeiras páginas e os elementos de terror presentes.

A protagonista começa a narrativa numa agonia quase sufocante: ela descobriu algo no dia anterior que fez com que toda a sua realidade se desfizesse, algo tão horrível que a obrigou a se reconstruir inteira para aceitar o que havia visto. Isso que aconteceu é tão terrível que ela nos pede que lhe estendamos uma mão decepada para acompanhá-la, e nós lhe estendemos a mão.

Somos, então, atacados com a seguinte declaração “Vou criar o que me aconteceu. Só porque viver não é relatável. Viver não é vivível. Terei que criar sobre a vida. E sem mentir. Criar sim, mentir não. Criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade.” (LISPECTOR, 2009, p. 19). Ela nos revela, nesses primeiros capítulos, que é incapaz, então, de nos contar o que de fato lhe aconteceu, ela precisará viver de novo tudo isso, e viveremos com ela.

Quem nos apresenta G.H. é ela mesma, mas de um ponto de vista distanciado. Ela nos apresenta primeiro quem era antes: uma mulher de classe alta, escultora, que mora sozinha num apartamento de cobertura. Ela vive em círculos cultos e de pessoas de mesma classe social, e é pelos outros que sempre se definiu:

Também para a minha chamada vida interior eu adotara sem sentir a minha reputação: eu me trato como as pessoas me tratam, sou aquilo que de mim os outros veem. Quando eu ficava sozinha não havia uma queda, havia apenas um grau a menos daquilo que eu era com os outros, e isso sempre foi minha naturalidade e minha saúde. E minha espécie de beleza. (LISPECTOR, 2009, p. 25)

Essa noção de que sua própria identidade era definida pelos outros lhe é nova, e logo ela analisa a si mesma sob a perspectiva de Janair, empregada que demitiu há pouco, e chega à conclusão de que era odiada — mas em nenhum momento Janair aparece, e é bem possível interpretarmos que esse ódio não seja de Janair, mas da própria protagonista. A linha de acontecimentos é pouca: G.H. entra nesse quarto tão distinto do resto da sua casa preparada para limpá-lo e forçá-lo a fazer parte da casa como um todo. Lá, porém, encontra uma pintura feita por Janair de um homem, uma mulher e um cachorro, encontra poeira e encontra uma barata.

Isso é o que acontece no ambiente externo da narrativa. Internamente, acontece muito mais. Internamente, G.H. ainda está lidando com o aborto que escolheu fazer há pouco tempo, com o final de um relacionamento cuja importância ela só percebe quando ele já não está mais presente e com o futuro que a aguarda. Não acredito que G.H. tenha se arrependido do aborto,

porque em mais de um momento ela discorre sobre o fato de nunca ter desejado ser mãe, porém a perda desse possível filho a deixa muito abalada. Num resumo que não faz jus à obra, G.H. esmaga a barata e se fascina com o líquido branco que escorre dela. Esse líquido de vida a faz pensar na morte e ela entra num transe de horas em que olha a barata e a barata a encara de volta.

Por fim, a única maneira de G.H. superar a morte dessa barata (e de si mesma: de quem era antes do aborto, e de quem seria num futuro com a pessoa que amava e deixou ir) é perdendo o nojo que tem dela, tornando-se uma com ela. Então ela se prepara para ingerir essa gosma branca. G.H. vomita, mas isso não a impede de seguir em frente e usar o dedo para lamber o líquido interno da barata. Ela quase desmaia em pé e cospe tudo fora e sai desse transe percebendo que nunca precisou comer a barata para se entender.

A paixão segundo G.H., para mim, é um livro sobre luto. Um luto interno de quem ela achava que era e de quem realmente é. A visão terrível foi muito mais do que só comer parte da barata, foi perceber o que havia sido capaz de fazer consigo mesma e com o próprio futuro. Ao comparar a protagonista à barata, Lispector nos traz uma imagem muito forte de dor que, considerando o contexto geral do capítulo, pode ser interpretada como o medo de morrer e não deixar legado, o medo de não pertencer a algo maior:

Aquela barata tivera filhos e eu não: a barata podia morrer esmagada, mas eu estava condenada a nunca morrer, pois se eu morresse uma só vez que fosse, eu morreria. E eu queria não morrer mas ficar perpetuamente morrendo como gozo de dor supremo. Eu estava no inferno atravessada de prazer como um zunido baixíssimo de nervos de prazer. (LISPECTOR, 2009, p. 121)

E todo esse contexto serve para chegarmos ao medo que G.H. tem no início do livro. Tudo que ela considerava verdade sobre si mesma se mostra falso quando ela precisa encarar a barata, esse símbolo do que fez consigo mesma. Ao encarar e comer essa barata, G.H. assume para si quem é e precisa repensar o próprio futuro, as possibilidades que existem nesse momento. Quem ela era antes já não existe mais, e ela não pode seguir em frente sem assumir para si mesma o que aconteceu e quem ela se tornou. “Para saber o que realmente eu tinha a esperar, teria eu antes que passar pela minha verdade? Até que ponto até agora eu havia inventado um destino, vivendo no entanto subterraneamente de outro?” (LISPECTOR, 2009, p. 57).

2.2.1 Os elementos do terror

Em *Dança Macabra*, King traz diversos arquétipos do terror, incluindo o do Lobisomem. Em sua essência, o arquétipo do Lobisomem representa o personagem que se transforma em outro, que possui essa faceta escondida capaz de fazer coisas terríveis — temos *O médico e o monstro* como clássico de terror que melhor representa essa situação. Além dessa quebra psicológica do eu e do outro, podemos pensar nas quebras de expectativas sociais:

O propósito da ficção de terror é não somente explorar as terras do tabu, mas também confirmar nossos bons sentimentos com relação ao status quo, mostrando-nos visões extravagantes de qual seria a alternativa. Da mesma forma que os pesadelos mais apavorantes, o bom show de horrores frequentemente tem como trabalho virar o status quo de ponta-cabeça — o que mais nos assusta com relação ao Mr. Hyde é talvez o fato de que ele fazia parte, o tempo todo, de doutor Jekyll. (KING, 2013, p. 314)

Apesar de não ser uma narrativa de terror, por algumas horas nesse dia quente no Rio de Janeiro, G.H. deixa de saber quem ela mesma é, e ela nos leva junto numa análise interna desconfortável. O medo que G.H. narra durante a história não nos assusta como o monstro na floresta de Gruber (a ser desenvolvido mais adiante), mas existe uma angústia intensa ao encarmos a dor de G.H. como sendo nossa:

Mas se eu gritasse uma vez só que fosse, talvez nunca mais pudesse parar. Se eu gritasse ninguém poderia fazer mais nada por mim; enquanto, se eu nunca revelar a minha carência, ninguém se assustará comigo e me ajudarão sem saber; mas só enquanto eu não assustar ninguém por ter saído dos regulamentos. (LISPECTOR, 2009, p. 61-62)

Um livro de terror não causa o susto que pode ser provocado pelo filme, mas traz à tona nossos medos íntimos (e de medos íntimos G.H. entende). Voltamos então ao que Crane (2022) discorre em relação ao horror feminino. Lispector não nos apresenta medos novos em nenhum momento, pelo contrário: G.H. olha para dentro e se assusta ao descobrir a pessoa que se tornou.

2.3 A REALIDADE NA FANTASIA

Acho que todos nós, fãs de fantasia, já ouvimos alguém dizer que não gosta de fantasia porque é um gênero muito distante da realidade. A verdade é que a fantasia é uma via de mão dupla: quem lê precisa estar disposto a acreditar e quem escreve precisa ser convincente.

Enquanto leitores, precisamos iniciar todos os livros com nossa descrença suspensa, prontos para aceitar influência de quem escreveu o texto — isso não significa tirar de quem escreve a responsabilidade de nos convencer da história que conta, mas torna a experiência de leitura muito mais envolvente. Isso é ainda mais necessário na fantasia, porque é nos relacionamentos e no universo interno dos personagens que conseguiremos nos identificar com o livro; os elementos fantásticos têm outras funções.

Em *Dança Macabra*, King (2013, p. 384) aborda a ideia de que

toda ficção de fantasia lida essencialmente com o conceito de poder; a grande ficção de fantasia lida com personagens que o conquistaram a grande custo ou que o perderam tragicamente; a ficção de fantasia medíocre lida com pessoas que têm poder e nunca o perdem, simplesmente o controlam. (KING, 2013, p. 313)

E existe algo mais real e humano do que nossa busca por poder? A questão essencial dos protagonistas sempre vem de um lugar real e normalmente interno, nunca do fantástico. Quem não consegue se identificar com uma boa narrativa de fantasia, a meu ver, não está fazendo uso da suspensão da descrença, e todo bom leitor sabe que isso é essencial para que desfrutemos de verdade de um bom livro.

Sem entrar em definições, consideramos fantasia tudo o que quebra as regras do nosso universo, tudo que é impossível. Dentro da fantasia existem diversos subgêneros, e um deles é a Fantasia Sombria, conhecida e popularizada em inglês como *Dark Fantasy*. Esse tipo de fantasia não é Terror Fantástico, mas é quase. É aquele livro que não podemos dizer que é de Terror, mas ao mesmo tempo tem cenas de terror e nos passa essa atmosfera sombria que existe dentro desse gênero.

2.3.1 A Floresta, Gruber

Um livro que traz muito do real num texto de fantasia sombria é *A Floresta*, do Daniel Gruber. Na sua página da Amazon, ele está classificado dentro de “Fantasia, Horror e Ficção Científica” e tem tags em “Horror” e “Terror”, mas se fala muito em “folk horror” nas análises dessa obra. As classificações não nos importam muito neste momento, mas o considero um texto de fantasia sombria, porque a narrativa e a construção do terror ficaram suaves demais para que eu o considere um livro de terror puro — mas elas existem, não há como dizer que não há algumas cenas de horror no livro; a questão é que elas não são suficientes para dizer que o livro como um todo é de terror.

Na obra, acompanhamos Anna Schutz, uma garota que é forçada a um casamento extremamente violento durante o final do século XIX. O elemento fantástico do livro é o monstro nascido de bruxaria que habita a floresta nos fundos de sua casa. A partir do relacionamento com esse monstro, Anna faz um pacto que a livra de todos os homens ao seu redor — o marido, o cunhado e o pai. Ao fazer essa barganha, entretanto, ela acaba incluindo o irmão mais novo, Jacob, que nunca abusou dela e que parece ser a única pessoa que realmente a ama na história, e parte da narrativa é construída com Anna tentando salvar Jacob desse monstro.

Analisando o âmago dessa narrativa, os problemas vêm de um espaço muito real: a falta de autonomia que muitas mulheres sentiram (e ainda sentem) sobre o próprio corpo e futuro. O terror é construído com o abuso sexual que Anna sofre do marido, com o abuso psicológico que sofre do pai, com o abuso social que sofre dos vizinhos e da cidade em que mora, que espera que ela se encaixe no papel de boa esposa e não seja nada além disso. Não é do monstro na floresta em si que temos medo, mas, como King já nos trouxe, é da falta de poder que sentimos em certos momentos.

De início, Anna é impotente perante o pai e o marido. O livro começa com ela sendo arrastada da cama pelo marido, que a joga sobre os ombros e a leva embora de casa. Anna nada pode fazer além de se casar e apanhar sempre que não atinge às expectativas que Johannes (o marido) tem sobre ela. E às vezes ele só a espanca porque é impotente fora de casa diante de outros homens, então, quando a vê, precisa mostrar a si mesmo e a ela que é, sim, poderoso.

Ao se envolver com Tilda, que descobrimos ser a bruxa, e com o monstro na floresta, Anna só quer poder para deixar de sofrer esses abusos. Ela ganha esse poder através da bruxaria (olha a fantasia lidando com poder de novo, servindo como ferramenta, não como solução ou consequência), mas então é atingida pela questão que já foi explorada em tantas outras narrativas: cuidado com o que você deseja. Não são todos os homens da sua vida que ela odeia, mas é assim que se sente no momento e é assim que acaba fazendo a barganha.

Ao tentar desfazer o que já foi feito, vemos Anna impotente de novo. Ela tenta salvar o pai, sem perceber que é ela mesma quem o mata, e só recupera o poder ao atacar a criatura da floresta (se desfazendo do poder fantástico adquirido) e matar Tilda, trocando a vida dela pela de Jacob.

O livro é sem dúvida uma fantasia, mas está irrevogavelmente embasado na nossa realidade. Os elementos que o fazem tão reais, porém, não são fantásticos, e os medos que são abordados neste livro são medos de muitas pessoas hoje, por isso nos identificamos tanto. Que mulher nunca sentiu medo de ser sexualmente abusada? Que pessoa nunca sentiu o receio de

perder uma briga, de estar impotente diante de alguém que é mais forte? Quem nunca sentiu que uma figura de autoridade tem controle sobre nosso futuro?

Esses medos abordados na fantasia estão presentes no nosso cotidiano e por isso são tão fortes e tão intensos. Além disso tudo, Anna passa um bom tempo sem saber se o que aconteceu na floresta foi real, se ela realmente vendeu sua alma para o demônio, e que forma melhor de relacionar *A paixão segundo G.H.* e *A floresta* se não a intensidade com que as personagens negam a verdade do que lhes aconteceu?

2.4 CONCLUSÃO

Um dos meus maiores medos é estar vivendo uma mentira. Sei que sou considerada ingênua por muitas pessoas, porque tenho uma personalidade razoavelmente tranquila e é muito difícil me envolver em alguma discussão. É fácil mentir para mim, porque eu tendo a acreditar piamente no que me dizem, sou péssima em identificar traços de falsidade nos outros. Talvez seja por isso que me fascina tanto ler e escrever sobre as diferenças entre quem somos e quem deixamos os outros conhecer, entre o que existe por dentro de nós e o que existe fora.

Também acredito que seja por isso que *A paixão segundo G.H.* mexeu tanto comigo, e o porquê de eu ver todos os elementos de uma boa história de terror nessa narrativa. Não consigo pensar em nada pior do que descobrir que você não é quem achou que fosse a vida inteira. Se formos pensar em elementos estéticos, até o grotesco está presente no livro, porque a cena de G.H. lambendo o interior da barata é extremamente nojenta (acho que só uma cena da saga *A Torre Negra*, em que um personagem espreme uma espinha e outro personagem come essa gosma, me deixou tão repugnada).

Ao mesmo tempo, não vejo melhor maneira de trabalhar a realidade do que através da fantasia e do terror. Foi isso o que tentei trazer em *Afogar-se* (nome temporário para o livro que segue este ensaio). Apresento apenas o primeiro arco da história, o momento pré-metamorfose que relata a morte de Jasmim, mas o livro inteiro trabalha com o real e o imaginário.

3 AFOGAR-SE

Prólogo

Jasmim entra no navio mordendo os lábios, tentando conter o sorriso que não sai do seu rosto desde a noite anterior. Esta viagem é o primeiro momento de independência verdadeira que tem, o primeiro gosto da vida adulta que a espera em Florianópolis. Gostaria muito de se despedir da família no cais, abanar e mandar beijos para mamãe e Lívia, mas foi sozinha até o porto e não tem de quem se despedir. As despedidas foram feitas no dia anterior, na porta de casa, antes de vir para Itajaí.

Segue as instruções ainda sorrindo, sem dizer uma palavra. Seu corpo inteiro está formigando de emoção, e arruma a mochila na cabine em menos de dez minutos. Já está na proa do navio quando ele sai do cais, e acaba abanando para alguns desconhecidos só pela alegria de participar de algo novo.

É talvez vinte minutos depois, quando a euforia coletiva de zarpar passa, que consegue conter o sorriso. Está sozinha de verdade pela primeira vez, sem mãe ou pai ou irmã ou amigas ou avó para acompanhá-la nesta aventura. Caminha devagar até a beirada e se apoia no metal, observando o mar imenso com carinho e os olhos cheios d'água.

Parece quase simbólico que esteja iniciando a viagem perto do pôr-do-sol, já que o objetivo é marcar o fim da sua infância e adolescência e o início da vida adulta. É quase como ver seu passado se deitando sobre o mar, como deixar todas as dores para trás a fim de iniciar este novo capítulo.

Pela primeira vez em meses, a brisa no rosto parece o carinho do seu pai. Não há dúvidas de que esta é a escolha certa.

Capítulo 1

Jasmim ainda está um pouco perdida quando a noite chega. O navio é maior do que ela achou que seria e tem tanta gente que parece quase um pequeno formigueiro. As crianças já berram e brincam nas duas piscinas da área principal e Jasmim percebe que é improvável que consiga aproveitar muito essa água. Mas tudo bem, ela ainda conseguirá aproveitar as praias de Ilhabela no penúltimo dia, e o mar sempre lhe foi mais atrativo que a piscina.

Caminha com a bolsa perto do corpo até a pizzaria. Haverá um show de jazz em algum dos salões hoje, mas Jasmim não está tão a fim de assistir, prefere comer em paz e aproveitar o baile funk programado para o dia seguinte. Um baile funk num navio, quem diria?

O pacote de viagem que comprou é básico e não inclui o rodízio de pizza, mas ela está com vontade e quer aproveitar ao máximo esses nove dias de viagem. Pega a plaquinha de rodízio e manda uma foto do cardápio para Lívi, que responde de imediato com muitos emoticons e uma foto da batida de banana que mamãe fez. Lívi fez doze anos há pouco tempo e finalmente as duas estão se dando bem. Há menos de um ano atrás, estava pronta para sair de casa e se ver bem longe dela, mas agora gosta das conversas que têm à noite e de assistir série abraçada a ela debaixo das cobertas.

Estão discutindo os últimos episódios de Bidgerton (não, mamãe não sabe que Lívi também assiste à série, nem vai ficar sabendo), e Jasmim está tão entretida explicando à irmã o porquê de ela estar errada que leva um susto ao ouvir a voz do garçom.

— Calabresa?

Ele tem a voz grossa, daquelas que arrepiam qualquer pessoa. Jasmim o encara e sente o rosto ficar vermelho, porque ele é lindo. Os cabelos são escuros, tem uma barba curta que cobre seus lábios e os olhos muito verdes. Sua pele é bronzeada, bem mais clara que a da própria Jasmim, e ela sorri sem querer antes de negar.

— Eu sou vegetariana, vocês têm algumas opções?

Ele sorri de volta, os olhos presos nos dela.

— Eu vou ver o que consigo pra ti.

Ele serve a mesa do lado, mas a encara por cima do ombro e Jasmim sente o rosto esquentar. O celular vibra algumas vezes, indicando que Lívi se empolgou na discussão, e Jasmim logo trata de encerrar a conversa com a irmã. Avisa que está jantando e que depois lerá as besteiras que ela tem a dizer, e Lívi não parece muito feliz com a resposta.

Discretamente, Jasmim procura o garçom bonito com os olhos e percebe que ele a encara de volta várias vezes e que sempre sorri.

— Milho, dessa vez.

— Eu quero.

Ele a serve e ela sente o perfume forte que ele usa. Respira fundo, engolindo em seco, e sente seu estômago se revirar de excitação. Ele fica um segundo a mais do que devia ali na mesa, morde o lábio e segue em frente.

Jasmim pode dizer com toda a certeza que nunca foi servida com tanta atenção num rodízio, porque a cada quatro ou cinco minutos ele aparece com uma opção sem carne diferente. Sem se aguentar, quando ele oferece cogumelos com catupiry, Jasmim pergunta:

— Qual seu nome?

— Zé. José, mas esse é nome de velho, prefiro Zé. E o seu?

— Jasmim.

— Quer que eu te traga pizza de quê, Jasmim?

— Acho que já quero as doces. Vocês têm de sorvete?

Ele levanta as sobrancelhas de um jeito brincalhão.

— Talvez, vou olhar ali atrás e te confirmo.

Com um último sorriso, ele vai servir outra mesa. Jasmim se mexe na cadeira, pensando em todos os romances intensos que já leu. Apesar de ser maior de idade, sua adolescência não foi como a de algumas amigas. Ela bebeu pouco, sempre chegou em casa no horário e jamais se aventurou com pessoas desconhecidas. Se comparada com Helena, que saía quase todos os finais de semana, havia fugido de casa e perdido a virgindade com catorze anos, Jasmim era uma santa.

Ainda assim, sonhava com esses romances de cinco dias, intensos, marcantes e finitos. Existe uma beleza diferente em viver um amor que tem prazo de validade, e é uma dessas experiências que ela sonha desde que descobriu o gênero chick-lit ainda aos doze anos. Essa viagem talvez seja também a sua chance de ser diferente, de se descobrir aventureira e disposta a viver momentos novos, com pessoas desconhecidas.

Talvez seu primeiro amor seja intenso, rápido e acabe em três dias. Ela não reclamaria se fosse, mas não esperava já se interessar por alguém na primeira noite. Zé se aproxima com a bandeja no alto, escondendo o sabor.

Ela tenta espiar espichando o pescoço, e Zé esconde a bandeja por um segundo a mais antes de abaixá-la. Há só dois pedaços de pizza de sorvete, os outros são de brigadeiro.

— Pedi pra fazerem só pra ti.

O sussurro dele a arrepia. O coração de Jasmim acelera.

— Obrigada...

— Pra uma mulher linda assim compensa.

Ele pisca, deixa os dois pedaços no prato dela e se afasta. Jasmim sente o rosto ficar mais quente ainda e publica uma foto da comida nos Stories do Instagram.

~~~~~

Ainda na primeira noite, deitada na cama, Jasmim manda mensagem para Helena contando sobre o primeiro dia e em poucos minutos já estão em videochamada. A internet é péssima, então a imagem da amiga fica toda pixelada, mas ainda consegue ouvi-la.

— Ai, Helê, visse a foto que mandei? Que homem lindo, né?

— Lindo é pouco, eu já teria pegado com uma vontade...

— Pois então, eu acho que talvez aconteça. Eu sei que não tem futuro, porque a gente tem nove dias só, e quero aproveitar. Tu sabes que eu tava sonhando com essa viagem.

— Sem falar que a gente pensa num romance assim rapidinho já tem anos, né. A quantidade de fanfic que tu escrevesse sobre amores rápidos e intensos em viagens não tá escrita.

Jasmim esconde o rosto no travesseiro.

— Sim! Eu sei! Ele quase parece ter saído de um livro de romance. E eu juro que ele ficou a noite inteirinha me olhando. Ele até pediu uma pizza de sorvete só pra mim.

— Já tá até te mimando. Qual o nome mesmo?

— Zé.

— O nome podia ser melhorzinho, nome de velho, né?

— Não fala assim!

— Já te imagino velhinha, falando com o “seu Zé”.

— Ai, para! E não vamos ficar velhinhos juntos, nem quero. Esse é pra ser um daqueles romances de temporada mesmo. Meu romance de viagem. Nem acredito! Eu tava, assim, meio que querendo algo, né, já tinha te falado, mas não achei que logo nesse primeiro dia eu ia encontrar alguém que me atraísse tanto.

— Quando é pra ser, é pra ser. Vocês conversaram muito?

— Ele tava trabalhando, né, nem tinha como. Mas duvido que ele vá passar o cruzeiro inteirinho trabalhando, deve ter uns intervalos.

— Ui, vão se pegar no escurinho de um armário de limpeza, é?

— Já visse uma coisa dessas! Parece fanfic!

Elas continuam rindo por um tempo, criando cenários que só existem no imaginário de amigas de longa data. Helena abre um sorriso malicioso, que trava na tela. Jasmim conhece bem essa expressão.

— Mas me diga... levasse camisinha, pelo menos?

Jasmim demora quase dois segundos a mais para responder e aperta os lábios num sorriso contido.

— Talvez... talvez eu tenha trazido umas duas ou três.

— Depois falam de mim! Quem não te conhece que te compre, Jasmim!

— Em minha defesa, eu não planejava usar! Era só uma precaução... Vai que eu encontre algum homem bonito, vai que algo desenvolva, vai que... Vai que, né?

— Não planejava usar, sei. Te conheço bem demais, guria, tu não me enganas não. Eu acho que vai ser bem bom, visse? Aí já tira a Alana da tua cabeça, já enterra ela no mar com todo o resto.

— É o plano. Deixar tudo de ruim pra trás e começar a faculdade em Floripa limpa desse estresse. Não que a Alana tenha sido de todo ruim, tam-

— Foi, sim. Foi de todo ruim, sim. O mínimo que ela fez, que foi não te tirar do armário na escola, nem é contabilizado. É o mínimo, Mim, o mínimo.

— Mas ela podia ter tornado meu último ano bem pior do que foi. E ela me ensinou muita coisa...

O rosto de Jasmim fica quente de novo, e ela contém um sorriso.

— Até gente bosta sabe transar, isso não quer dizer nada. Esquece a louca, ela te manipulava a torto e a direito, ninguém aguentava mais.

— Ela não me manipulava.

— Jasmim-

— Não quero falar disso de novo. Enterramos a Alana no mar, lembra? Meu foco agora é essa viagem e o Zé e esse romance e tudo mais.

— Além desse homem gostoso, o que mais aconteceu aí hoje?

Jasmim sorri entristecida. A imagem de Helena destrava e percebe que a amiga também se deitou na cama.

— Eu senti meu pai comigo hoje no convés. Acho que eu tava precisando mesmo voltar pro mar, sabe?

— Tavas mesmo, nunca te vi tanto tempo fora d'água. Já tem quase um ano, né?

Jasmim concorda. A morte do pai manchou o amor que sempre sentiu pelo mar. Passou esse tempo todo sem colocar um dedo na água, sentindo raiva e angústia por as ondas lhe terem arrancado sua pessoa favorita.

— Mês que vem faz um ano. É difícil ainda, sabe? Estar aqui e sentir as ondas no barco e não pensar nele. Mas papai sempre disse que o mar dá e o mar tira. Não pensei que fosse me tirar ele, nunca isso, mas tá na hora. Eu sou uma guria do mar, não adianta fingir que não. E eu me sinto mais próxima dele.

— Esse ano foi difícil mesmo pra ti, né? É bom saber que tá se curando com a viagem. Tua vizinha sabia mesmo do que tu precisava, hein?

— Ela sempre sabe, é louco demais. Vovó tem esse dom de me entender. Tu sabes como reclamei logo que ela veio com essa ideia de cruzeiro, de voltar pro mar, mas vovó estava certa. Acho que é disso mesmo que eu preciso.

— As avós sempre estão certas, é absurdo. Ontem mesmo a minha disse que ia chover, e tava um sol de queimar os pés, mas ela acertou. Parece bruxaria.

A chamada só encerra quando o sono impede Jasmim de manter os olhos abertos. Antes de cair no sono, ela pode jurar que sente um beijo na sua testa. Sorri, pensando no pai e em Zé e na faculdade que a espera em casa.

## Capítulo 2

Ainda não é dez horas quando sai da cabine para tomar café da manhã. Jasmim veste seu biquíni e uma saída de praia branca com mangas compridas. Já navegou vezes o suficiente para saber que sempre há uma brisa fresquinha em alto-mar. O café-da-manhã é separado em ilhas, e Jasmim manda foto de tudo para Lívi, que ainda não acordou, a preguiçosa.

Carrega o livro A extinção das abelhas na bolsa e está em dúvida entre ler ou pegar um sol na beira da piscina. Procura discretamente Zé ao redor. A pizzaria está fechada, assim como a maior parte dos restaurantes. Come o iogurte devagar, tentando adivinhar onde Zé poderia estar. Os funcionários do navio trabalham oito horas diárias? Doze? Não consegue imaginar que seja legal trabalhar mais do que isso todos os dias, mesmo em viagens como essa. Pega o celular para pesquisar sobre a carga horária de funcionários de navio e descobre que o sinal de wi-fi está péssimo.

Mesmo nesse horário, a piscina já está cheia de crianças pulando e brincando. Há alguns adultos tomando sol e conversando, e Jasmim caminha até lá devagar. Ela puxa uma espreguiçadeira para longe da piscina, a fim de não se molhar caso alguma das crianças decida jogar água ali por perto, e se deita. Coloca a mão no zíper da bolsa, abaixa o chapéu para cobrir o rosto e está dormindo em segundos.

A água gelada a acorda nem meia hora depois, e Jasmim toma um susto como se tivesse sonhado que caía de um prédio. Ela até solta um gritinho baixo, que chama a atenção de várias pessoas.

— Mathias! — berra uma mulher. — Pede desculpas pra moça agora, que absurdo.

— Desculpa! — grita um homem, não uma criança.

Jasmim pisca, tentando acordar, e vê uma garota branca com olhos e cabelos castanhos parada bem à sua frente. Ela é gorda, usa um biquíni rosa pink e uma camiseta de botões aberta.

— Tudo bem — Jasmim murmura, ainda meio assustada. — Eu tô bem.

— Desculpa, guria, eles parecem umas crianças. Qual que é teu nome?

— Jasmim.

— Eu sou a Marina, mas me chama de Mari. O Mathias pulou atrás do Duda e te molhou toda, meu bem, desculpa mesmo. Eu juro que eles normalmente agem que nem adultos... Bom, não, isso é mentira, mas eu tento manter os dois na linha!

Marina fala bastante, quase atropelando as palavras, e puxa uma espreguiçadeira para se sentar ao seu lado. Jasmim confere sua bolsa e suspira aliviada ao ver que está seca.

— São teus irmãos?

— Não, nós somos amigos mesmo. — Marina se acomoda na cadeira e se senta de lado, mantendo um olho nos dois homens e um olho em Jasmim. — Nos conhecemos desde sempre. Mas eu passei em Campinas e vou pra São Paulo final do ano, então a gente queria fazer uma última grande viagem, sabe?

— Nossa, que bacana.

— Sim! Nós gostamos muito de viajar juntos, mas ainda não tínhamos feito um cruzeiro. A ideia foi minha. Eles não estavam muito animados no começo, mas acho que agora já se empolgaram.

As duas observam os garotos que tentam afogar um ao outro por um tempo. Jasmim se alonga e sorri.

— Acho que sim. Por que um cruzeiro?

— Quando a gente viaja de avião ou de carro, em algum momento acaba se afastando, sabe? Tem festa de noite pra ir, tem compras pra gente fazer, essas coisas. E eu queria realmente ficar perto deles nesta última viagem. Vou levar pelo menos uns quatro anos pra me formar, e vai que eu gosto de São Paulo? Não sei quando que a gente vai conseguir fazer isso de novo.

— Vocês são próximos, então.

— Muito! Quase irmãos, que nem tu disse antes.

Há certa hesitação na voz dela, mas Jasmim não comenta nada. Um garçom aparece com bebidas, e as duas aceitam. Faz muito tempo desde que tomou uma margarita.

— E tu, tá aqui com quem?

— Eu vim sozinha mesmo. Mais ou menos a mesma ideia de marcar o final de algo. Passei em Floripa e vou sair de casa, e também tava precisando de algo assim. Minha vó quem sugeriu a viagem.

— Tua vó, sério?

— Sim, ela é demais. Mas tu passasse em quê em Campinas?

— Passei em Engenharia Química. E tu?

— Jornalismo. Engenharia é difícil!

— Nossa, que bacana! E nem me fale, passei o ano passado todo me ralando no cursinho. Não tem como eu não ir, passei na Unicamp, não posso deixar a oportunidade passar. E vai ser bom, sabe? Sair de casa.

— Eu tô assim também. Essa sensação de liberdade é gostosa, não é? De saber que estamos quase na vida adulta.

— Eu penso igual. Não sei se é uma ideia muito boa eu ser adulta, porque não tô preparada. Às vezes me olho no espelho e acho que sou um bebê ainda.

— E não é? Ter terminado o Ensino Médio é muito estranho. Mas é um estranho bom. Eu tô conversando com uma amiga e talvez a gente alugue um apartamento juntas em Floripa, aí pelo menos não fico tão sozinha assim.

— Quantos anos que tu tem? Parece tão novinha.

— Acabei de fazer dezenove — responde Jasmim, orgulhosa. — Mas semana passada me perguntaram quantos anos eu tinha e eu respondi dezesseis.

— Eu tô com vinte e fiz a mesma coisa! É tão louco já ser maior de idade, né?

Jasmim ergue o drink.

— Poder beber sem ter que ser escondido.

Marina cai na risada.

— E não é? Parece que ontem eu tava indo comprar vodka na distribuidora escondida dos meus pais.

As duas conversam mais um pouco, distraídas, e se ajeitam nas cadeiras para pegar sol nas costas. Estão numa discussão intensa sobre a segunda temporada de Good Omens quando a sombra de Mathias bloqueia o sol.

— Mari, Mari, apresenta essa tua amiga linda pra gente.

Ele tem um sorriso reto, cabelos loiro-escuros, quase castanhos, e as sardas no nariz o deixam bonito. Jasmim se senta e Marina faz o mesmo.

— Desiste, cabeça, ela é muita areia pro teu bico. Jasmim, esse é o Mathias, o idiota que te molhou, e aquele ali é o Duda.

Duda tem os braços grandes, musculosos, e cabelos escuros. Ele sorri animado e pisca para ela. Jasmim sente o rosto ficar quente e cumprimenta os dois.

— A gente tá com fome — reclama Mathias. — Vamos desmaiar a qualquer momento.

Marina não parece abalada.

— Coitadinhos. Mas eu também tô com fome. Bora almoçar, Jasmim?

Jasmim concorda e o pequeno grupo caminha até a praça de alimentação. Vários dos restaurantes já estão abertos, mas todos se servem no buffet principal. Considerando que só viu Zé trabalhando na pizzaria até o momento, as chances de resolver comer pizza quase toda a semana são grandes, então é melhor economizar quando puder.

— E então, de onde você é? — pergunta Duda.

— Esmeraldina. É uma ilha perto de Floripa. Não é pequena a ponto de não ter nada ali, mas também não é grande a ponto de ser conhecida.

— Nunca ouvi falar — concorda Mathias.

Marina o chuta debaixo da mesa e Jasmim controla o sorriso.

— E vocês, são de onde?

— Porto Alegre — responde Duda. — Nascidos e criados, nós três.

Conversam baixinho mais um pouco, trocando informações sobre família, escola e as cidades em si. Marina fica quase dois minutos sem falar, e então cutuca Jasmim com o braço.

— Eu acho que aquele garçom tá a fim de ti — ela fala baixinho, e os garotos esticam o pescoço para olhar melhor. Ambos recebem tapas no braço pela indiscrição.

Mesmo já sabendo quem é, Jasmim olha para onde Marina apontou e sorri ao ver Zé. Ele sorri de volta antes de pegar a bandeja para levar para outro cliente. Ele está trabalhando num restaurante italiano no momento, Pura Pasta.

— Ih! Ela gostou — comenta Duda, rindo. — Olha o sorrisinho.

— A gente talvez tenha trocado uns olhares ontem de noite já.

Os garotos fazem barulho alto, chamando atenção de todo mundo, e Marina briga com eles enquanto suprime a própria risada.

— Já no primeiro dia?!

— Ele tava servindo ali na pizzeria e sei lá. Ele é bonito.

— Ele é lindo — Duda interrompe. — Dez de dez sentaria.

Mathias cai na gargalhada e bate no ombro dele. Marina revira os olhos, carinhosa.

— Eu também — Marina acaba concordando.

Jasmim fica vermelha e bebe um gole do seu suco para disfarçar. Ela olha para Zé de novo, e a expressão dele indica que sabe que é o assunto da mesa e que gosta disso.

— Ah, mas não é nada, assim. A gente só olhou e sorriu por enquanto.

— Dou até o fim do dia pra vocês pelo menos se beijarem — Duda informa. — A tensão já tá enorme, eu sinto daqui.

— Com certeza — concorda Marina.

— Ah, sei lá — Mathias diz, com a expressão pensativa. Ele analisa Zé por alguns segundos. — A Jasmim consegue melhor.

— Mas ele é tão lindo — Jasmim protesta.

— É, mas é garçom, né. Como que ele vai te dar uma Renegade?

Os três caem na gargalhada e Jasmim precisa esperar um pouco até que lhe expliquem a piada interna. Eles têm uma amiga, chamada Carol, que estava num relacionamento meio morno. Ela tinha interesse em terminar, porém o homem era rico e o argumento final dela foi “mas e se eu não achar alguém que me dê uma Renegade de novo?”. Agora, sempre que discutem relacionamentos, essa pergunta acaba surgindo.

Os amigos de Jasmim não recebem carros de seus parceiros, então ela não consegue se relacionar tanto com a situação, mas acaba rindo junto da piada.

— De qualquer forma — continua Marina —, ela não vai se casar com ele, tá procurando só um romance. E com um homem desses, até eu, viu?

— Tu é lésbica, Mari — responde Duda. — E eu concordo. Deixa a guria aproveitar, ele é bonito, parece bacana, ficou flertando um monte, e e tensão tá de cortar com a faca. Se eu pudesse ficar com alguém assim, também ia aproveitar.

— Ia nada — diz Mathias. — Tu é mó cagão. A Patrícia tava a fim de ti e só faltou sentar no teu colo e tu não fez nada, nem um sorrisinho pra ela.

— Eu não era a fim da Patrícia.

— Todo mundo é a fim da Patrícia.

Marina limpa a garganta, interrompendo a discussão boba.

— O nosso veredicto, Jasmim, é que tu deve seguir em frente e ficar com ele.

— Aposto que até de noite vocês já se beijaram — propõe Duda, mexendo as sobrancelhas.

— Aposto que se beijam amanhã, quando a gente voltar do passeio em Montevideu — contrapõe Mathias.

— Vinte pila?

— Vinte pila.

Os dois apertam as mãos, selando a aposta, e Jasmim desvia o olhar, constrangida. Marina parece desconfortável também, e lhe manda um olhar de desculpas.

— Gente, não se aposta assim na frente dos outros.

— A Jasmim é de boas, ela não se importa, né?

Na verdade, Jasmim se importa bastante, mas acaba sorrindo e concordando sem graça. O assunto logo muda para os planos da tarde, e tanto Mathias quanto Duda falam sobre o espaço esportivo. De acordo com o site, há espaço para jogar futebol e uma pequena quadra de basquete em algum lugar do navio, além de uma academia. Marina já ergue as mãos em sinal de desistência.

— Não, eu não paguei pra sofrer.

Jasmim concorda.

— Exercícios pra mim só batendo perna amanhã e nadando no mar. Na academia eu vou fora das férias.

Eles se levantam e começam a caminhar. Mathias e Duda se despedem com pressa e saem para procurar a quadra de basquete. Jasmim e Marina voltam a caminhar para o convés. O sol agora está muito forte, por isso escolhem se sentar na sombra.

— Falando em sair amanhã, já sabe qual passeio vai fazer?

— Eu já sei todos os passeios, planejei quase cada segundo da viagem — Jasmim responde. — Amanhã quero ir no passeio com a vinícola.

— Guria, a gente também vai nesse! Pareceu o mais interessante, né? Eu tô louca pra sair desse navio, não aguento mais ficar balançando o tempo todo. Acordei com uma dor de cabeça hoje...

— Sério? Eu já tô acostumada. — Jasmim engole em seco e olha para a piscina. — Meu pai era pescador, então eu passei muito tempo no mar.

— Deve ter sido bem tranquilo de se acostumar com o navio mesmo, então. Eu nunca passei muito tempo no mar, acho que só fiz alguns passeios turísticos de lancha. Ah, e o Cisne Branco no Guaíba, claro, mas aí não era mar. Mas era barco, então acho que conta.

— Eu, não. Sempre amei estar no mar. Meu pai me levava no barco com ele antes de eu fazer um ano. Disse que nem eu nem minha irmã enjoamos ou choramos quando ele nos levava. Sempre amei ir com ele pescar longe da costa, estar no meio do oceano e não ver nem sombra de terra.

— Vocês parecem próximos.

Jasmim sorri, ainda sem olhar para Marina.

— A gente era.

Leva um susto ao sentir Marina tocar no seu braço, e trocam um sorriso triste. Jasmim pisca para afastar as lágrimas.

— Faz pouco tempo que ele morreu?

— Quase um ano. Essa viagem é pra isso também, pra eu deixar esse luto pra trás. Eu meio que não tava conseguindo aceitar. Parei de entrar no mar, o que pra mim é uma coisa enorme, fiquei mais distante da mamãe e da vovó... Foi difícil, visse?

— Eu nunca perdi ninguém próximo, mas acho que entendo, de certa forma. Isso de me afastar das pessoas, eu me sinto assim também.

Jasmim fica um momento em silêncio, depois encara Marina. A pele dela é tão branca que parece brilhar.

— Era como, se, sei lá, a gente estivesse em lados diferentes do mundo. Minha irmã também tava sentindo esse luto, o mesmo luto que eu, mas a gente se afastou muito, porque eu não conseguia lidar nem com a minha dor, que dirá com a dela. A mamãe também. Minha mãe

sofreu por uns dois meses daquele jeito intenso que parece deixar todos os cômodos da casa pesados, e depois passou. Eu senti falta, porque ela ergueu a cabeça e voltou a pensar em escola e na casa e se reergueu tão rápido, sabe?

Marina engole em seco, os olhos cheios de lágrimas, e segura a mão de Jasmim.

— Eu sei. Quase como se você ficasse pra trás, né? Como se estivessem em direções diferentes e você só ficasse ali, parada.

— Sim! Minha irmã logo parecia bem, mas ela surtava às vezes. Berrava, chorava, brigava com todo mundo, e eu odeio dizer isso, mas era ótimo quando ela agia assim. Dava um alívio. Mas depois ela pedia desculpas e voltava ao normal e eu... eu não tava conseguindo.

Sem responder, Marina ajeita sua espreguiçadeira ao lado da de Jasmim e as duas encaram o oceano. A ponta das cadeiras já está no sol, mas não mudam de posição. A mão de Marina volta a segurar a de Jasmim, que sorri e aperta os dedos dela entre os seus.

— Não é bem a mesma coisa, mas eu sinto como se estivesse deixando o Mathias e o Duda pra trás. Essa viagem era pra ser uma maneira de a gente se reconectar e criar um vínculo mais forte antes de eu viajar, porque estamos nos afastando já tem um tempo... É como se eles não crescessem, sabe? Quase uma síndrome do Peter Pan. Do ano passado pra esse quase não amadureceram, enquanto eu sinto que sou uma pessoa totalmente nova.

— Eles pareceram um pouco mais infantis mesmo.

— Não é nem isso, das brincadeiras e tal. Eu também gosto de brincar e fazer piada, por isso sempre nos demos bem, mas me refiro a profissão e futuro mesmo. Eles não têm planos, não têm vontade de fazer algo diferente, ambições. Se fosse pelo Duda, ele tirava mais um ano de folga pra viajar. E eu também quero isso, todo mundo quer isso, mas...

— Com que dinheiro, exatamente, eles viajam tanto?

— Os dois têm bastante grana, o pai do Duda é dono de uma empresa e a mãe do Mathias é nutricionista de mulheres classe alta lá de POA. E tem isso também, eu peço bastante grana pros meus pais, sei disso, mas não vejo a hora de ter meu próprio dinheiro e minhas coisas, sabe? Eles não se incomodam nem um pouco de sempre depender dos outros.

Jasmim fica em silêncio, Marina solta a mão dela e bagunça os cabelos.

— Sei lá, posso estar exagerando também.

— Eu entendo, acho. Também não quero depender dos outros, é uma coisa de crescer. Ser adulto é isso também, não é? Buscar independência e ser responsável por si mesma.

— Eu acho que é. A primeira vez que me senti adulta foi quando fui no médico sem minha mãe. Foi tão estranho!

Jasmim solta uma risada baixa.

— Eu admito que ainda não tive a oportunidade, mamãe sempre vai comigo.  
O assunto se estende por horas a fio.

~~~~~

Diferentemente de Jasmim, Marina não quer ir ao baile, por isso as duas combinam de se encontrar só na manhã seguinte. Indecisa sobre o que vestir, Jasmim tenta uma videochamada com Helena, mas a internet está péssima e até as mensagens demoram para chegar.

Apesar de haver uma brisa gostosa no convés, o baile será numa das cabines de festa que ficam quase no centro do navio, com poucas janelas, então estará bem quente. Jasmim adora multidões, sempre adorou. Tinha quinze anos quando a mãe permitiu que fosse pela primeira vez a uma festa, e amou cada segundo da experiência, mesmo sem beber álcool aquela noite. Precisou estar em casa cedo, mas ficou quase até de manhã sentindo a música pulsar na sua pele.

Ajeita os cabelos volumosos, mas já sabe como a maresia bagunça os fios, então resolve prendê-los. Em algum momento, gostaria de ter tranças, mas talvez só quando fosse para Floripa. Novo ano, nova cidade, novo cabelo, não é o que dizem?

Depois de muita angústia, escolhe um vestido solto que marca a cintura e sandálias baixinhas. Sem surpresa, vê Zé trabalhando na pizzaria de novo e confere o relógio: falta mais de uma hora para a festa começar. Senta-se na mesma mesa de ontem e espera. Nem trinta segundos depois, Zé a vê e abre um sorriso que lhe tira o fôlego. Jasmim nunca se sentiu tão atraída por alguém antes.

— Você voltou — Zé fala baixinho, fingindo que a atende. — Pensei em lhe atender meio-dia, mas cê estava acompanhada...

— Podia ter vindo, é um pessoal que eu conheci hoje mesmo.

— Tá no navio sozinha, então? Não trouxe um namorado?

Ela sente o rosto esquentar.

— Não, tô sozinha mesmo... Sem namorado.

O sorriso dele aumenta, e Jasmim morde o lábio inferior. Zé olha os sabores que tem em mãos e faz uma careta.

— Todos com carne, mas eu te arranjo alguma coisa boa. Algum pedido especial?

— Marguerita. Hm... Você vai estar de folga depois? Durante o baile.

Ele a analisa de cima a baixo antes de balançar a cabeça com um sorriso constrangido.

— Quem dera, princesa.

Jasmim o observa se afastar com o rosto ainda quente. Pega o celular e envia uma mensagem para Helena: “ELE ME CHAMOU DE PRINCESA”.

Os adesivos de surto que seguem correspondem a como Jasmim se sente. Zé volta rápido com dois sabores diferentes.

— Cê vai na festa? — ele pergunta.

— Acho que sim... eu tava a fim, na verdade.

— Eu vou servir bebidas ali em algum momento...

— É? E como eu te encontro?

Ele mexe as sobancelhas antes de se afastar sem responder, e Jasmim quase não consegue apreciar a comida com o nervosismo que sente. Sua única experiência amorosa (sem contar os beijos bobos trocados em brincadeiras de verdade ou consequência) fora com Alana, e não havia se sentido tão ansiosa com ela. Já eram amigas há um tempo antes do namoro, havia uma segurança que é inexistente com Zé.

Ele volta com um pedaço de pizza de brócolis.

— Eu acho que eu é que vou te encontrar — ele fala enquanto a serve. — Uma mulher bonita assim chama atenção, te acho fácil.

Ele também tem o rosto vermelho, e Jasmim contém a felicidade que a faz querer beijá-lo ali mesmo.

— Então vou te esperar.

Ele se afasta de novo e passam a próxima hora flertando pelos poucos segundos que Zé consegue gastar na mesa dela. Jasmim escuta a batida da música antes de perceber que já é hora da festa, e procura Zé com os olhos. Ela aponta com a cabeça para o salão e ele levanta os ombros, indicando que não tem o que fazer enquanto seu turno não terminar. Jasmim se despede com um abano discreto e quase corre até o salão — o baile será curto, só três horas, e ela não quer perder um minuto.

A batida a envolve assim que ela pisa no salão. A música está alta e ninguém conversa, as pessoas só dançam. Jasmim se espreme nesse grupo de pessoas (como não viu tanta gente da sua idade no navio antes? Onde que eles estavam se escondendo?) e começa a dançar também.

Uma garota vestindo rosa neon a puxa pela mão e as duas se mexem juntas um pouco, depois outra pessoa aparece e outra e outra. Jasmim fecha os olhos, sente a energia dos corpos ao redor do seu e dança.

Dança como nunca dançou, como se não conseguisse parar, como se precisasse disso. Sente lágrimas nos olhos e não sabe por que tem vontade de chorar, mas continua dançando e dançando até sentir suas pernas doerem. Há um garoto à sua frente, sorrindo e dançando talvez

um pouquinho perto demais, e Jasmim retribui o sorriso antes de ajeitar o cabelo e se afastar. Caminha até o bar para pegar uma água e leva um susto ao ouvir uma voz lhe sussurrar no ouvido:

— Tava dançando tão linda que nem quis interromper.

— Zé — ela suspira, o coração batendo forte.

Bebe dois goles enquanto ele olha para sua boca fixamente. Zé não a encosta, não de verdade, mas está tão perto que Jasmim consegue sentir o cheiro do perfume dele. Não tinham ficado tão perto um do outro ainda.

— Oi — ele murmura.

— Oi...

— Tava dançando com alguém lá?

E ele olha para a pista. O desejo que a envolve é intenso, e só o que quer é beijar Zé e sentir o corpo dele junto do seu. Nunca se sentiu tão atraente antes, a luxúria crua nos olhos dele a deixa molhada, a música parece pulsar na própria pele. Zé lhe oferece uma bebida, os olhos fixos nos dela, mas Jasmim nega. Está embriagada por essa paixão, pela música, pelos outros corpos dançando — não quer nem imaginar como ficaria se misturasse álcool a esse êxtase.

— Eu quero dançar.

Zé fica frustrado, troca o peso do corpo de um pé para o outro.

— Eu não posso dançar agora.

— Então me olha. Me olha, Zé.

Nunca sentiu essa vontade de ser observada, muito menos teve a ousadia de ser direta assim, mas Zé concorda a contragosto. Jasmim deixa a água no balcão e volta para a pista, os olhos castanhos presos nos de Zé. É fácil voltar para a batida que toca, pular com as outras pessoas, reentrar nessa onda humana de calor. Continua encarando Zé, que deixa cair o drink que Jasmim não bebeu. A garota que ele atende dá risadas altas, já embriagada, e Zé entrega qualquer outra bebida para ela, sem olhá-la ainda. Ele só encara Jasmim, e Jasmim o encara de volta.

O tesão faz seu corpo vibrar com a batida. Os movimentos do funk são sensuais, e Jasmim sente calor nos braços, no peito, nas pernas. Consegue quase sentir as mãos de Zé no seu corpo, puxando-a para perto, fazendo com que se movimentem juntos.

Com o olhar preso no dele, Jasmim desliza os dedos pelo próprio rosto, sentindo o suor. Toca na própria boca, e ele segue o gesto, sem prestar atenção a nada que não ela. Coloca a

ponta da língua para fora, sentindo gosto de suor nos dedos, e sorri ao ver a expressão de Zé. Nunca teve ninguém tão preso ao seu magnetismo. Não fazia ideia de que adoraria tanto.

Um homem alto, bonito, cabelos bagunçados, interrompe o contato visual. Ele se coloca na frente de Jasmim e toca no braço dela, puxando-a para frente, querendo contato.

— Tu é linda demais, puta que pariu. Tá me deixando louco.

Jasmim consegue ver Zé se aproximando por cima do ombro do homem, e se afasta o mais rápido que consegue.

— Desculpa, não...

— Como não, delícia? Tava toda linda se esfregando.

— Não tenho interesse.

Caminha rápido para trás, afastando-se dele e também de Zé, esbarrando em pessoas aleatórias. Sente o rosto quente, um enjoo que antes não existia. Fica gelada. Caminha para trás sem saber para onde vai, ainda desconfortável. O ar escapa, não consegue respirar direito, precisa de ar. Precisa do mar.

Sai do salão e corre até o convés, que está quase vazio a essa hora. Não tem uma gota de álcool no corpo, mas se sente bêbada. Dançava olhando para Zé, não havia cogitado que outra pessoa pudesse se interessar. Que imagem sua havia desenhado de si mesma naquela pista? O enjoo vem intenso, e engole a bile que sobe até a garganta. Aproxima-se do parapeito e é o cheiro da água salgada que a acalma. Respira devagar até estar com os pelos dos braços arrepiados.

O que acabou de fazer? Jasmim nunca se considerou vulgar, nunca teve vontade de tirar fotos sensuais ou de se exhibir de qualquer forma. Quem é essa garota que acabou de se expor para um desconhecido? Para vários desconhecidos, na verdade?

O choro vem num estrondo e a deixa sem ar. O primeiro soluço é alto, mas ninguém a escuta, e Jasmim deixa as lágrimas escorrerem. O que seu pai pensaria se ainda estivesse vivo? O que diria sua mãe se soubesse como a filha agiu no meio de desconhecidos?

Vadia. Puta.

Não, foi criada melhor que isso. Jasmim não é o tipo de mulher que se esfrega numa pista de dança e tenta seduzir estranhos, ela é melhor que isso, ela nunca perde a compostura, nem mesmo quando bebe.

Putá.

A garganta de Jasmim arde como se fogo a devorasse por dentro quando ela finalmente tem coragem de voltar para o quarto.

Capítulo 3

Jasmim não está pronta para acordar quando o celular toca. Sente a cabeça latejando e esconde o rosto no travesseiro, se encolhe debaixo do cobertor. Está quente, o suor gruda na sua pele como uma membrana, mas ela se esconde nesse casulo de tecido como se ele pudesse protegê-la.

O celular continua tocando. É Marina, Jasmim já deveria estar no convés com ela. Manda uma mensagem rápida dizendo que acabou de acordar e recebe uma risada em resposta.

Deixa o aparelho de lado e respira fundo. O cheiro de suor e sono é quase sufocante, mas ainda demora quase um minuto até ter forças para encarar o sol. Precisa de um banho, precisa se arrumar. Devem atracar em Montevideú em menos de uma hora, se não estiverem atrasados.

De manhã, a situação da noite anterior parece muito pior. Vergonha deixa seu rosto vermelho e a garganta presa. Limpar o corpo no banho não limpou sua alma, e Jasmim sabe o que fez. Respira fundo.

Papai estaria desapontado.

Escolhe um vestido longo, amarelo, e coloca seus tênis preferidos. Encontra Marina e os dois garotos no convés e sorri para eles. Mathias ri alto quando a vê.

— Alguém bebeu todas ontem, hein?

— Não grita, Thias, ela deve estar com uma ressaca terrível.

A dor de cabeça é de longe a pior que já teve. Agradece a Duda com um sorriso e dá de ombros, sem confirmar nem negar a suposição deles. Marina ri e nega com a cabeça.

— Quero só ver como vai fazer o passeio de hoje. Ele dura 5 horas, viu?

— Eu sei — responde Jasmim. — Tô só pela vinícola no final. É minha primeira vez fora do Brasil.

O comentário sai antes que pense direito sobre ele. Os três arregalam os olhos e Mathias balança a cabeça em negação.

— Não acredito que teu primeiro contato com outro país vai ser de ressaca.

— Pelo menos é história pra contar depois — diz Duda.

— Não se preocupa, meu portunhol é perfeito, vou direto pra Rivera com minha família — Marina a tranquiliza, entrelaçando o braço no de Jasmim.

Se tivesse que apostar, Jasmim diria que a sensação de angústia faria presença o dia todo, mas Montevideú apaga sua vergonha. Marina conhece muito sobre arquitetura e joga vários fatos aleatórios no grupo, esperando que alguém se interesse.

É só na hora em que almoçam, pouco antes do começo do passeio, que seu estômago volta a embrulhar. Mathias tem o sorriso malicioso.

— E aí, conta pra gente como foi a noite. O Duda ganhou a aposta?

O beijo. Havia se esquecido por completo dos vinte reais que Duda colocara nesse relacionamento. Desliza o corpo na cadeira, tentando achar uma posição confortável. Balança a cabeça em negativa ao sentir a garganta fechar de novo, e o grupo perde o ar tranquilo ao ver sua dor.

Papai estaria desapontado.

— O que foi? — pergunta Marina.

— Nada. Só não rolou ontem. Acho que não é tua hora, Duda. Mas também não é a tua, tá, Mathias, porque não acho que eu e o Zé temos futuro.

— Como não se vocês tavam se comendo com os olhos ontem ainda? — pergunta Marina.

— Não sei, gente, só não vai rolar. Ontem... Só não vai, ok?

O almoço é tenso, para dizer o mínimo. Jasmim sente a culpa por estragar a viagem a Montevideu se misturar à vergonha da noite anterior e já não sabe se uma pessoa só pode se sentir não mal. Sente os olhos queimando. Quer voltar para a cama.

É Marina quem a salva, já se levantando para sair do restaurante:

— Vamos assistir ao filme hoje à noite, né? Disseram que vai ter até pipoca, que vão montar um telão enorme ali no salão que foi a festa ontem.

A festa. A dança. O dedo na boca.

— Sim, eu vou. Acho que vou. Se a dor de cabeça passar.

— Vai passar — garante Marina, com a sabedoria de uma avó do interior.

— Tomara.

Pelas próximas horas, Jasmim volta a se esquecer. O guia resume a história do porto, do centro histórico, da Plaza Independencia e até do estádio de futebol. No último, Mathias e Duda entram num debate intenso e se afastam das duas em busca de melhores lugares para fotos. Marina volta a enganchar o braço no de Jasmim.

— Quer me falar sobre ontem?

— Não aconteceu nada, não de verdade.

— Mas...? Alguma coisa com certeza tá te incomodando.

— Sei lá. Esta viagem não era pra ser sobre romance, pra ser sincera. Olha este lugar, Mari. É minha primeira vez em outro país e tá tudo incrível, mas eu ainda tô pensando em um cara. Parece tão tosco, sabe? Eu não sou assim, nunca fui. Não sou de ficar só por ficar e não

sou irresponsável nem atirada e... Eu não sei. Era pra ser uma viagem pra eu me reconectar comigo mesma, mas parece que tô me perdendo, isso sim.

As duas andam mais um pouco, olhando os outros turistas tirarem fotos. Jasmim se aconchega um pouquinho mais nela, apreciando o braço enroscado no seu.

— Isso de fazer uma viagem pra se encontrar é meio louco, né? A gente viaja achando que vai passar dias e dias pensando em quem somos e por que estamos aqui e em qual vai ser nosso futuro... Mas acho que é mais do que isso também, sabe?

Jasmim a encara de lado, Marina está olhando para frente com um sorriso.

— Acho que se perder faz parte de se encontrar e se conhecer — continua ela. — A viagem começou agora, a gente tem dias e dias pela frente ainda, Jasmim, e talvez tua viagem de autoconhecimento se torne mesmo um romance bobo e rápido. Talvez tu descubra que gosta de flertar, talvez descubra que gosta de sair com caras diferentes, talvez até descubra que gosta de mulheres e de sair com várias pessoas ao mesmo tempo.

Jasmim engole em seco.

— Eu não sei se quero descobrir essas coisas — E ri sem graça.

Marina dá de ombros.

— Descobrir quem tu é e o que tu quer pro teu futuro e como seguir em frente nem sempre é bacana. Eu acho que somos muito parecidas. — Ela olha para Mathias e Duda, que são quase uma sombra à distância. — Eu inventei esta viagem como uma maneira de me reconectar com os meninos antes de viajar, mas talvez não seja disso que eu precise. Talvez devesse ser uma viagem de comemoração pelo que tivemos e de despedida, porque não vamos continuar tendo.

O olhar de Marina é triste, Jasmim se sente da mesma maneira.

— Então minha viagem de autoconhecimento e superação de luto talvez seja só um romance bobo, e talvez a tua viagem de reconexão talvez seja de despedida? — Jasmim pergunta com a voz cheia de lágrimas presas. — Não sei o quanto eu gosto disso.

— Nada te impede de descobrir mais sobre quem quer ser daqui pra frente e de finalmente deixar o luto aqui na água em vez de levar esse peso pra sempre e ao mesmo tempo viver um amor bobo. Talvez você precise de um amor bobo pra fazer isso.

Jasmim a olha de canto.

— Que conversa profunda a nossa.

Marina limpa as lágrimas que nunca derramou.

— E não é? Quem nunca nos viu pode até achar que somos inteligentes ou algo assim.

A risada que segue não é feliz, mas é cúmplice. Elas continuam andando até o guia anunciar que é hora de irem para a vinícola, e elas se juntam a Duda e Mathias para discutir quais tipos de vinho gostam.

Jasmim nunca foi do vinho, teve poucas oportunidades de prová-los até o momento, mas descobre que o Cabernet Sauvignon é seu preferido dos inclusos na degustação. Lembra-se de uma tarde há alguns anos quando dividiu uma taça de vinho doce com tia Odete, e é uma das suas memórias favoritas.

— Acho que prefiro algo mais doce — acaba compartilhando.

— Eu amo um vinho suave — Mathias admite. — Não acho que vão servir aqui, mas é meu favorito. Não curto tanto bebidas mais amargas, tirando a cerveja.

— Suave nem é vinho — Marina repreende com o nariz torcido. — É tudo questão de gosto, Jasmim. Tipo cerveja e chimarrão: ninguém gosta quando prova, são gostos adquiridos. O mesmo vale pro vinho tinto: você precisa provar algumas vezes até se acostumar com o gosto e conseguir apreciar de verdade.

— Que exagero — diz Duda, balançando a mão. — Eu gostei de vinho tinto no primeiro gole. Mas nada é melhor que uísque com gelo. Lembra aquele verão na praia? Acho que a gente bebeu uma garrafa inteira só nós três.

— O verão em que tu correu ao redor de um arbusto porque tava convencido de que seria sequestrado? Sim, eu lembro — responde Marina, rindo. — Pobre menina que tava a fim de ti, ela ficou com cara de taxo enquanto tu fugia.

Jasmim passa quase uma hora só ouvindo as conversas compartilhadas e precisa esconder o sorriso no copo. Encontra o olhar de Marina do outro lado da mesa e a cumplicidade que divide com ela neste momento é quase física. Sente um aperto no peito e uma saudade de Helena que não esperava.

Três taças de vinho depois, Duda está gesticulando bastante enquanto descreve a melhor experiência sexual que já teve, e Jasmim sente o rosto ficar vermelho. Não é sua experiência conversar sobre sexo com desconhecidos, esse é o tipo de conversa que ela tem só com Helena, debaixo das cobertas, escondida de mamãe e vovó, aos sussurros.

— Se essa é tua melhor experiência, Duda, nossa... — Marina fala, descrente, balançando a cabeça. — Coitada.

— Ué! Ela gozou, coitada por quê?

— Será que gozou mesmo?

— Que isso, Mari! Claro que gozou! Se tremeu toda que eu vi.

Marina balança a cabeça de novo, descrente.

— Não confia no primeiro orgasmo, a gente às vezes finge o primeiro. O segundo não, porque aí é muita moral pra vocês, mas o primeiro de vez em quando a gente finge, né, Jasmim?

Jasmim quase engasga com o gole de vinho. Ela gesticula com a mão pedindo que a ignorem, mas os três continuam a observá-la. Com a voz rouca, acaba respondendo sem graça:

— Eu nunca fingi.

Marina bate palmas duas vezes e a empurra no ombro.

— Aí, guria! Respeitei agora.

— Não é assim... eu nunca precisei fingir.

A mesa explode em risadas e barulhos altos. Mathias a olha de cima a baixo com um sorriso malicioso.

— Eu sabia que de santa tu só tinha a cara.

— Ei! — Marina protesta, batendo com força no ombro dele. — Não fala assim, deixa ela, tá mais que certa. Eu sei que a gente não devia fingir, é ultrapassado, mas às vezes tu só quer que acabe. E, honestamente, Duda, nessa posição aí é bem difícil ela já ter gozado na primeira vez.

— Tu não tava lá, não tem como saber. Ela gozou, sim, tremeu toda, eu senti, ela sentiu, todo mundo gostou. — Ele fica quieto por alguns segundos. — Ou ela te disse alguma coisa? Hein?!

— Eu nem conversei com ela, claro que não me disse, só tô comentando. E, de qualquer forma, uma vez só, Duda?

— Mulher não é fácil de fazer gozar, não?

A expressão de Marina diz que ela discorda completamente.

— Não conta, tu é mulher! Vocês têm informação privilegiada.

— Mulher não conta? — Jasmim interrompe.

Duda suspira e bebe mais vinho. Mathias o encara com um sorriso e se acomoda para ouvi-lo do mesmo jeito que a própria Jasmim faz quando Helena repete pela vigésima vez a história de quando fugiu de casa para ir numa festa.

— Olha só, vocês não podem exigir da gente a mesma expertise que vocês têm, okay? Homem aprende mais devagar, todo mundo sabe disso.

Jasmim e Marina trocam um olhar.

— Longe de mim julgar — Marina começa, já julgando. — Mas eu sou da opinião de que, na primeira vez que tu sai com alguém, todo mundo tem que gozar duas vezes.

Mathias revira os olhos.

— Homem não consegue gozar duas vezes assim em sequência que nem vocês.

— Aí já não é problema meu, né? Me apoia aí, Jasmim, esse teu “nunca precisei fingir” foi bom de primeira já?

Jasmim beberica mais alguns goles e encara Duda, que aguarda ansioso a resposta.

— Hm... Acho que “não conta”, pelo visto.

Silêncio na mesa. Marina começa a rir.

— Guria, por que tu não disse antes?

Jasmim só dá de ombros. Mathias tem o cenho franzido.

— Mas e o garçom bonitinho lá?

É Marina quem responde:

— Pessoas bi existem.

Duda parece envergonhado, e Jasmim aproveita que o garçom traz mais vinhos de degustação para sair dos holofotes. A discussão genérica sobre sexualidade que se segue ajuda Jasmim a deixar o constrangimento de lado. E então Marina a puxa para a conversa de novo:

— Tá, mas, espera, tu só transou com mulher?

Jasmim dá de ombros, encabulada, e Duda cobre a boca com as mãos.

— O Zé é sortudo demais — Mathis comenta, também sorrindo. — Mas vai contar pra ele? Antes de vocês ficarem?

— E quem disse que eu vou fazer mais que ficar com ele? Eu talvez nem fique com ele! A gente só se olhou, nada demais. Isso não quer dizer nada.

O olhar de Mathias indica que ele discorda.

— Vocês tavam se olhando bastante e tão flertando desde o primeiro dia. Eu aposto que ele já tá esperando alguma coisa.

— Mas aí é problema dele — Marina interrompe —, porque isso não quer dizer nada. Ela pode até beijar e ficar com ele o quanto quiser que não é sinônimo de que eles precisem ter algo a mais. Talvez ela nem queira. Eu ia querer no lugar dela, porque que homem gostoso, mas isso vai de cada uma.

— Eu não entendo por que tu fala como se gostasse de homem, mas se nega a beijar qualquer homem — Duda comenta.

— Porque eu não gosto de verdade, é modo de dizer, tipo quando vocês falam que sentariam no Tom Hiddleston, é só brincadeira.

Duda fica bem vermelho e Jasmim suspeita de que ele não esteja só brincando ao falar isso, mas fica quieta e desvia o olhar quando os olhos dele se fixam nela. Marina ainda está gesticulando.

— Mas sobre o Zé e a Jasmim: o ponto é que ela não precisa fazer nada. Se ela quiser só ficar flertando os nove dias em que estivermos no navio, é direito dela também.

— Mas é sacanagem — Mathias contrapõe. — Poxa, se já sabe que não vai querer nada, não tem nem por que ficar dando mole pro cara.

— Ué, e flertar agora é proibido? Às vezes a gente quer só flertar, nada mais.

— Tá bom, mas é sacanagem, Mari! O cara fica todo cheio de esperança, já vai achando que vai rolar alguma coisa, tem vezes que até para de falar com as outras meninas porque acha que com essa rola e no fim ela não quer nada. Acontece, eu sei, mas é filha da putagem, vai me dizer que não é?

— Claro que não é — Jasmim interrompe. — Nem eu sei direito o que eu quero. Sei lá, eu gosto de flertar e ele faz eu me sentir bem e bonita e quero um romance. Uns beijos ao pôr-do-sol e outras coisas clichês assim. Um desses romances que duram dias, mas a gente lembra pra sempre, sabe?

— Esses têm sexo — Mathias concorda.

A expressão de ofensa de Jasmim faz Duda rir um pouco, e ele bebe mais vinho. Marina está ainda mais ofendida.

— Claro que não! Nossa, que... Desde quando tu pensa assim, Thias? Eu não consigo nem botar em palavras o quão escroto tu foi agora.

— É o que todo homem pensa, Mari. A gente pode fingir que não, mas é, sim.

— Eu vou no banheiro — Jasmim interrompe, levantando-se.

Ela já sai andando sem esperar que a discussão continue, porque, honestamente, já nem sabe por que está nessa mesa. Por que decidiu se juntar a esse grupo de pessoas mesmo? O objetivo dessa viagem não era se encontrar e passar um tempo sozinha para se descobrir?

Abre a porta do banheiro e vai direto para a pia. Não pode limpar o rosto, porque quer manter a maquiagem intacta, mas lava as mãos e aproveita para passar as mãos úmidas no pescoço. Está respirando com mais calma quando a porta abre de novo e Marina entra.

— Oi... — Jasmim começa, mas se cala ao ver os olhos vermelhos de lágrimas dela.

Marina levanta a mão, pedindo silêncio, e para na frente da pia. Ela liga a torneira, molha as mãos e encosta nos olhos fechados com cuidado. O rímel ainda borra, e Jasmim logo pega o seu de dentro da bolsa e o coloca sobre a bancada. Marina ainda precisa de alguns minutos apertando as mãos úmidas contra os olhos antes de conseguir falar.

— Eu juro que eles não votaram em quem tu tá pensando, tá?

— Eu não falei nada.

— É tão frustrante. São meus melhores amigos, como meus melhores amigos podem pensar assim? — a voz dela fica embargada no final, e Jasmim coloca a mão sobre o ombro de Marina, sem saber o que dizer.

Marina respira fundo e pega um papel para secar o rosto. Ela sorri ao ver o rímel sobre a pia e ajeita a maquiagem. Apesar de ainda estar com os olhos vermelhos, ela parece recomposta.

— Vamos voltar?

Marina concorda e respira fundo. Ela segura a mão de Jasmim mais um pouquinho e as duas trocam aquele sorriso que só mulheres bêbadas em banheiro de festa conseguem trocar. Quando chegam na mesa, o assunto muda para o passeio de Buenos Aires no dia seguinte.

Ao retornar para o navio, Jasmim não vê Zé. O filme apresentado no salão é “Até que a sorte nos separe”, e Jasmim ri até estar a ponto de chorar. Depois, ela o procura pelo convés, mas não o encontra trabalhando. Pensou que ficaria aliviada por não precisar encará-lo, mas sente uma pontada de tristeza em vez disso.

Capítulo 4

O passeio por Buenos Aires é muito mais interessante que o passeio no Uruguai. Não pelo caminho em si nem pelo país, mas porque Jasmim se sente muito mais leve. Conversa com Marina, Mathias e Duda, compra presentes para mamãe, vovó e Lívi e manda fotos para Helena em cada ponto turístico que encontra.

Ao anoitecer, sente as pernas ardendo e o rosto dói de tanto que sorriu. Marina e os meninos seguem para as cabines a fim de tomar um banho, mas Jasmim vai até a beirada do navio e encara o mar. O barco começa a se mexer e ela permanece onde está, cheirando a brisa e encarando as águas.

— Eu acho que quero estudar biologia marinha, pai. Acho que talvez eu queira passar o resto da minha vida andando de barco, tentando entender onde você tá e o que existe debaixo da água; por que o mar te levou de mim.

O sussurro é engolido pela música alta e pelas conversas quase ensurdecadoras no convés, mas Jasmim se concentra na própria voz e no movimento do barco. Algumas lágrimas escorrem, mas continua sorrindo. O vento parece fazer carinho no seu rosto.

— Se tu estivesse aqui e pudesse me ajudar, acho que diria que é perigoso demais, o mar tira tanto quanto dá, Mimi, você sempre dizia. Eu sei que o mar tira tanto quanto dá, mas talvez esse seja o ponto, não? O mar me tirou você, pai, então precisa me dar algo de incrível em retorno. Não posso deixar que ele só tire e tire de mim, eu quero mais. Eu quero algo de volta.

É egoísta pensar assim, na vida como uma balança do que se perde e do que se ganha, mas Jasmim pensou nisso o dia inteiro. Se o mar lhe tirou o pai, então precisa lhe entregar algo que ao menos se iguale — seu futuro inteiro lhe parece uma troca justa, ainda que cruel.

— Não sabia que é perigoso ficar tão perto da beirada?

A voz de Zé a faz pular, e Jasmim limpa o rosto rápido. Se ele percebe as lágrimas, não diz nada sobre elas.

— Eu só tava olhando o mar.

Ele se apoia na beirada também.

— É lindo, né? Eu acho que posso passar a vida toda num barco.

Jasmim se sente desestabilizada. Pensou em Zé o dia anterior inteiro e concorda com o que Marina disse, talvez deva aproveitar essa paixão, mas o momento é errado. Sente que uma conversa essencial foi interrompida, mas sabe que não pode explicar isso para ele, que não tem

como dizer que estava conversando sobre o futuro com seu pai, com o espírito dele, com a imagem que tem dele, com alguma parte dele que ainda existe.

Engole em seco e se afasta um pouco.

— É, sim. É lindo demais.

— Eu queria ser pescador um tempo — Zé comenta.

Jasmim não consegue fazer isso agora. Não quando podia jurar que a mão do pai lhe acariciava o rosto, não quando estava procurando palavras para dizer que passaria a vida inteira no mar, mas que precisava deixar a dor da saudade para trás.

— Eu acho que preciso ir.

— Espera!

Ele a segura pelo braço e solta rápido, constrangido. Zé mexe no cabelo.

— Eu fiz algo de errado? Eu achei...

— Não! — Jasmim logo diz. — Não, não fez nada de errado. E, sim, eu também achei.

Acho. Tu não entendesse errado.

Ele sorri menos constrangido e tenta se aproximar, Jasmim se afasta de novo.

— Eu só preciso de um tempo, okay? Por que a gente não se vê hoje de noite, ali pelas oito?

Ele fica frustrado de novo, mexe as mãos uma na outra.

— Eu trabalho hoje de noite, morena.

Ela detesta o apelido de imediato.

— Desculpa. Depois do trabalho?

Ele a encara meio de lado.

— Fico até quase quatro hoje, tem o show de Tango, lembra? Vou ajudar ali no restaurante.

Havia se esquecido do show de tango.

— Eu vou no show. A gente pode se falar ali, que nem fez aquele dia no rodízio.

Zé não parece feliz, mas não diz nada. Jasmim se sente culpada, interrompida e controla a irritação. Não é culpa de Zé, ele não tinha como saber o que ela fazia, e se sente pior ainda por não conseguir dar atenção a ele.

— Eu só preciso de um banho, okay? Um banho e depois vou pro show de tango e a gente se vê ali.

Zé concorda e estica a mão para tocar na dela. Ele se aproxima um pouco de novo, Jasmim sorri e aperta os dedos dele antes de se afastar. Não pode beijá-lo, não agora, não ainda, não desse jeito. Caminha rápido até sua cabine, sem saber se deveria continuar a conversa com

o pai pela janela ou se deveria deixar de lado e tentar de novo no dia seguinte. Parece forçado continuar falando sozinha, já não sabe direito o que quer fazer, e precisa empurrar a irritação para longe, porque não é culpa de Zé e não pode ficar culpando os outros pelos próprios problemas.

Ao se fechar na cabine, precisa respirar um momento. Esconde a cabeça no travesseiro, meio sentada, meio deitada na cama, e aperta os olhos até o soluço sair alto da garganta. Chora por não poder mais falar com seu pai, por senti-lo tão perto, mas inalcançável, por saber que estará o resto da vida sozinha, sem ele. Chora não só pelo luto da morte dele, mas pelo luto de todo o futuro que deveriam ter, pelas conversas que sempre serão interrompidas, já que eles não está mais aqui. Chora até sentir a garganta rouca e a cabeça latejar de dor e os olhos arderem.

Quando consegue respirar fundo, o chão parece mais firme. Levanta-se num pulo e vai até o chuveiro, e entra debaixo d'água de roupa e tudo. Os soluços não voltam, mas as lágrimas se misturam à água do banho. Fica ali debaixo, sozinha e pesada, até decidir tirar a primeira camiseta. Cada peça de roupa cai como se a livrasse de uma culpa diferente. A camiseta é o ódio que sentiu de Bobo, por ser o único a voltar vivo com o barco de papai; o short é o abraço nunca dado a Lívi, mesmo quando a ouvia chorar em silêncio à noite, porque seu luto era tão grande que não conseguia cobrir o dela; o sutiã carrega o futuro, o sentimento de que é injusto entrar na faculdade e seguir sua vida quando ele não pode acompanhá-la; a calcinha é o desejo por Zé, a ânsia sexual que nunca sentiu antes e que lhe parece errada; o colar é o sufoco de se sentir infeliz, mesmo quando esperam que esteja contente; os brincos são as raivas que ninguém além dela sente, as culpas que impõe a si mesma a fim de permanecer a menina que era antes de o barco voltar sozinho, só com Bobo sem uma história coerente. Nua, Jasmim se sente leve dos pecados que já carrega há alguns meses.

Ao sair do banho, tem os olhos secos e vontade de aceitar o que Marina disse. Talvez precise só de um romance bobo para seguir em frente, talvez esse sentimento que tem por Zé seja perfeito para atravessar essas águas turvas internas. Talvez Zé seja um erro que ela precisa cometer para crescer. Seja o que for, Jasmim passa quase uma hora ao lado do difusor finalizando os cachos do cabelo, fica em chamada com Helena para acertar na maquiagem e manda talvez vinte fotos para Lívi compartilhando os resultados.

Ao finalmente sair do quarto, consegue escutar a música alta do som de tango. Esgueira-se pela porta para não chamar atenção e encara os artistas de boca aberta por um momento antes de procurar Marina pela multidão, mas não consegue encontrá-la. Pensa em mandar mensagem, mas se contém e procura por Zé, em vez disso. Não é difícil achar o sorriso dele, que deixa

claro o quanto ele aprova o esforço que ela fez. Jasmim sorri sem graça e espera que ele se aproxime.

— Morena...

— Pode me chamar de Jasmim, eu prefiro.

— Jasmine do céu, mas tu tá uma deusa hoje.

Os olhos de Zé a devoram por inteira, e a onda de calor que ela sente abafa o desconforto por ele ter errado seu nome. Sorri sem graça e aceita a espumante que Zé traz na bandeja.

— O show tá bonito, né?

— Nada tá mais bonito que você hoje, Jasmine.

Ele chega perto, respira fundo, nega com a cabeça com um sorriso e se afasta ainda rindo. Com o canto do olho, ela percebe que outros garçons dão risadas baixas e batem no ombro dele, trocando sussurros enquanto continuam brincando. Vários deles também a devoram com os olhos, mas a atenção deles Jasmim dispensa.

O show inteiro é quase uma tortura. Jasmim tenta prestar atenção à dança e ser uma adulta cultural que aprecia esse tipo de evento, mas só consegue pensar na boca de Zé e na presença dele e que não há evento no dia seguinte e que, se tiver sorte, poderá passar o dia com ele. Em três momentos diferentes, Zé sussurra ao pé do seu ouvido o quanto ela está deslumbrante, e Jasmim fica sem graça e vermelha e se sente viva como nunca antes. Seu coração bate apertado.

Quando sente que a noite está a ponto de encerrar, já que os garçons recolhem as mesas e os artistas começam as despedidas, ela corre para o banheiro a fim de ajeitar o cabelo, a maquiagem e comer uma balinha de menta. Abre o celular e atualiza Helena, que ainda está acordada, esperando novidades sobre esse romance que parece não sair do lugar (eu já teria dado pra ele pelo menos três vezes, Mim, pelo amor de Deus, acelera antes que eu tenha um treco).

Ao sair de novo do banheiro, está pronta para o que vier. Zé está escorado numa parede, procurando a multidão meio irritado, mas a expressão se desmancha num sorriso ao vê-la. Ele faz um movimento de cabeça indicando a lateral e Jasmim o segue. Ao estarem sozinhos, ele a encurrala contra a parede, um braço ao redor de cada lado do seu rosto, e o coração de Jasmim bate tão rápido que ela o escuta em seus ouvidos.

— O que tu faz comigo, morena... Tão linda hoje.

— É?

Ele a beija sem responder, e Jasmim sente o barco movendo como se flutuasse. Jasmim encosta no rosto dele, diminuindo a velocidade, sentindo os lábios contra os seus num toque doce e sutil. Ele suspira, tremendo, e aperta a cintura dela.

— Morena...

— Jasmim — ela corrige. — Diz meu nome.

— Jasmine... Jasmine, como tu é linda.

Ele a beija de novo e de novo e dois beijos se misturam nos dois que se seguem. Jasmim fica sem ar ao sentir o corpo de Zé prensá-la contra a parede, e os dois escutam gritos no restaurante chamando por Zé.

— Tu tens que trabalhar.

— Puta que pariu.

Ela ri, ele a beija rápido, uma vez mais, e Jasmim o empurra de leve para longe. Zé não vai, mas esfrega o nariz no dela.

— Posso ir na tua cabine hoje?

Jasmim gela. As pernas tremem de desejo, mas ainda está consciente demais.

— Não hoje, okay? Vamos só curtir isso, um pouco. A gente tem tempo.

Ele respira mais fundo, deixa um selinho nos lábios dela e desce as mãos para a cintura firme. Zé a aperta uma vez, e Jasmim precisa conter o suspiro. Deseja as mãos dele em todo o seu corpo.

— Eu termino em meia hora e me libero.

— Hoje não, Zé. A gente tem tempo.

Ele respira fundo de novo, aperta a cintura dela e a puxa para um daqueles beijos intensos que arrancam todo o ar do cérebro. Quando é solta, Jasmim quase perde o equilíbrio e cai no chão.

Zé sorri sem graça e sai sem dizer nada, mas Jasmim precisa de mais alguns minutos para se recompor. Sente as pernas bambas, a calcinha molhada, e se pergunta se negar Zé foi uma boa ideia. Caminha até a beirada e respira fundo, encarando o mar. O som dos outros hóspedes vai se esvaindo, o navio vai ficando vazio, e Jasmim pega o celular com vontade de ligar para Helena. Sua única experiência sexual anterior foi Alana e talvez Duda tenha razão, talvez mulheres não contem. Talvez ela realmente seja virgem, já que nunca se envolveu com homens antes. É possível ser virgem depois de receber (e usar) um dildo? Talvez só conte se um pênis de verdade estiver envolvido. Se for esse o caso, então uma mulher que passa a vida inteira só se envolvendo com outras mulheres é eternamente virgem? Isso não parece certo.

Suspira, querendo Helena para acalmá-la. Independentemente da resposta, não está pronta para isso, não quer se envolver com ninguém. Por mais ingênuo que pareça, ao pensar em romance de verão, não pensou em sexo. Pensou em beijos, em paixões avassaladoras que a fariam querer loucuras e até se imaginou beijando Zé debaixo d'água num dos passeios, mas não chegou a cogitar de verdade a possibilidade de fazer sexo com ele, não antes da conversa do dia anterior.

Se espreguiça, observa o mar mais um minutinho e caminha até sua cabine. O restaurante está silencioso quando passa por ele, então não consegue ver sequer um vislumbre de Zé. Por sorte, terá o dia seguinte.

O sentimento ruim aperta seu estômago quando abre a porta da cabine. Entra três passos e sente o coração gelado, porque tem alguém sentado na sua cama. Engole em seco e tenta dar um passo para trás, mas a porta se fecha e ela sente o corpo entre o seu e a madeira, e engole o choro porque não sabe mais o que fazer. Tem dois homens no seu quarto.

Por um segundo, ninguém se mexe ou respira, e então alguém a pega pela garganta, impedindo-a de gritar. O barulho baixo que escapa logo é abafado por uma gravata, e o homem que está na cama se levanta. O sentimento de traição é quase mais intenso que o medo, porque é Zé. Zé está à sua frente, sorrindo como se quisesse flertar, como se tudo fosse uma brincadeira, e a cabeça de Jasmim fica leve pela falta de ar.

— Morena, morena, o tanto que tu me provocou não tá escrito.

Ela não consegue gritar, mas se debate e acerta uma cotovelada no estômago do homem que a segura por trás. Com o braço que antes amarrava a gravata, ele agora a agarra pela cintura, mantendo os braços fixos ao corpo. A outra mão ainda a estrangula.

— Chupando esse dedinho, me olhando cheia de marra e daí querendo sair só com um beijinho xoxo daqueles não dá, né? Eu ainda fui paciente, tão querido contigo, mas tu avacalha.

Ele a toca no rosto molhado e Jasmim o odeia com uma intensidade que a surpreende. O homem que a agarra por trás perde um pouco do equilíbrio, e Jasmim se remexe a fim de escapar, mas Zé segura seu rosto com firmeza.

— Ah-Ah, morena. Sem fugir dessa vez. Quem provoca leva, não sabia?

A mão dele desliza pelo pescoço e chega à sua blusa. Jasmim se arrumou para ele, colocou uma lingerie, mesmo que não planejasse mostrá-la, e Zé sorri pequeno ao ver a renda do sutiã.

— Tu é só provocação, né?

O homem atrás ri e a aperta mais firme.

— Pega no peito dela.

Zé obedece, como se só esperasse pelo pedido, e Jasmim grita o mais alto que pode. O ar não entra mais e ela está com a cabeça leve, mas ainda sente os dedos dele dentro do seu sutiã, tocando-lhe o mamilo. Zé lambe os lábios e se aproxima, beijando o colo e descendo a boca pelo corpo dela.

Jasmim esperneia e consegue acertar um chute nele, e recebe um soco no estômago como resposta.

— Joga ela na cama, assim não vai dar.

A quantidade de ar que inspira quando ele a solta faz com que ela se engasgue e tussa várias vezes em sequência, sem equilíbrio. Zé a empurra contra a cama e se senta em cima dela, o amigo fica ao lado, observando, sorriso, tocando no próprio pênis sobre a calça. Jasmim sente gosto de vômito, mas a gravata a impede de colocar tudo para fora, então fica com tudo na boca mesmo e é forçada a engolir de novo.

— Não pode provocar assim quando tu não quer, morena. Tu é gostosa demais, eu queria esperar, mas não tem como. Só provoca e provoca.

Como que para ilustrar suas palavras, Zé a toca sobre a calcinha. Jasmim volta a gritar e a tentar fugir, sente mãos a segurando contra a cama, a boca de Zé no seu mamilo, alguém rasga sua calcinha. Ela grita e esperneia e chuta e briga e apanha. Engole o próprio vômito e vomita de novo, e o cheiro fica quase insuportável. O amigo de Zé ri, mas Zé não está achando graça, está irritado, e é num de seus momentos de raiva, quando bate contra a cama para mandar que ela fique quieta, que Jasmim consegue acertar um chute no rosto que o manda para longe.

Ela não fica surpresa nem pensa na sorte que tem, só se joga da cama e contra a porta e está ao ar livre. Puxa a gravata enquanto corre, mas não consegue removê-la e não consegue gritar porque não tem ar e precisa escolher entre respirar ou correr, e corre.

O deque está vazio, o show já acabou faz tempo. Jasmim nunca viu o navio assim tão vazio, não há quem possa ajudá-la, não consegue se lembrar para que lado fica o quarto de Marina e só pensa em correr e correr e-

Encontra um homem alto, também da tripulação, e o alívio que sente a derruba no chão. Marina tenta chamá-lo, escuta Zé e o amigo correndo, mas o sorriso que ele abre a deixa ainda mais em desespero. Seu corpo não sabe lidar com o alívio que não é mais alívio e Jasmim está tremendo ao se levantar de novo, agora são três homens sorrindo, três homens se aproximando, e não há para onde ir.

Ela não tem voz.

Ao olhar para o lado e ver a beirada do navio, se jogar deixa de ser uma escolha. Eles percebem o que ela quer meio segundo tarde demais, e Jasmim consegue ver Zé debruçado contra o batente enquanto cai.

Ela cai por dois segundos, três, e então o gelo da água a encobre. Ela afunda muito rápido. Sabe nadar, sempre viveu na água, mas não têm fôlego algum e seu primeiro instinto ao cair é tentar respirar. Engole água salgada e não consegue tossi-la de volta, porque a gravata ainda está sobre sua boca. As últimas forças que tem, Jasmim gasta puxando a gravata que não sai.

Pensa no em Lívi, em mamãe, em vovó. Pensa que pelo menos poderá rever papai, já que os dois morreram no mar.

Fecha os olhos castanhos e os abre azuis em seguida, brilhando. Ela sente o calor no corpo inteiro, um calor que vem de dentro e a queima mesmo na água gelada. Poderia jurar que ilumina o mar inteiro enquanto é consumida pelo fogo invisível, e então a dor acaba de imediato, tal como veio.

À sua frente, brilhando num amarelo quase esbranquiçado, uma forma de mulher. Mãe, Jasmim pensa, sem nunca a ter visto.

— Está tudo bem — ela diz, sem mexer os lábios.

O brilho da mulher se mistura e se expande dentro d'água como se fossem um só, como se ela pudesse mudar de forma a seu bel prazer. Jasmim vê os seios grandes, a face serena e sem boca que a encara com compaixão, e a abraça.

A segurança que a envolve faz com que sua respiração volte ao normal e o pavor que a fez se jogar do navio começa a dissipar. A Grande Mãe a acolhe por inteiro, como se abraçasse Jasmim por dentro também, como se pegasse as dores que ela acabou de sentir e colocasse um curativo em cada uma delas.

— Tá tudo bem — ela repete, e Jasmim acredita.

O abraço dura até Jasmim sentir que consegue respirar direito, até suas pernas e pulmões pararem de arder, e é só então que ela percebe que já não está sem ar. Que respirou, de alguma forma, debaixo d'água. Inspira pelo pescoço e franze o cenho, confusa, levando às mãos aos cortes laterais que agora cicatrizam a pele próxima ao ombro.

Pisca confusa duas, três vezes e olha para baixo. A cauda laranja intensa a pega de surpresa de novo, e pisca para a Grande Mãe, que parece sorrir.

— Eu pulei?

— Pulou — ela confirma. Morreu, ela não diz, mas Jasmim sabe.

— Eles me machucaram. Eles... — e não consegue continuar.

— Tá tudo bem. Agora é você quem machuca eles.

As palavras a cobrem como uma promessa. Jasmim encara a mulher de novo, a presença dela é intensa e a acalma, tudo parece fazer sentido. Tudo faz sentido.

— Eu sou?

Sente a força da cauda ao se mexer para o lado, e o calor da Grande Mãe lhe dá mais forças ainda. A entidade sorri, satisfeita, contente, e Jasmim não sente mais medo. A raiva volta, intensa e consumidora como nada antes, e ela pensa nas mãos que a violaram. Sente as pernas doerem, arderem com o fogo que a transformou, sente sua pele rasgar, e grita debaixo d'água, grita sem fazer som, porque todo o medo de antes, todo o pavor se transformam num ódio que ela não sabia ser capaz de sentir.

Ainda consegue ver o navio, está com a visão melhor que nunca antes, e já não sabe se a ideia que a invade é dela mesma ou se é da Grande Mãe, mas só pensa nas mãos que a enganaram.

— Agora sou eu quem machuco eles.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este primeiro momento do livro nos traz a morte da inocência da Jasmim antes da morte do seu corpo físico. Ela acreditou que vivia uma história de amor, mas o homem pelo qual ela se apaixona intensa e rapidamente não existe, ele é uma máscara. No decorrer do livro, ela vive a mesma desilusão mais algumas vezes, até chegar num momento em que já não sabe mais quem são as pessoas ao seu redor, em quem pode ou não acreditar.

Uma boa história de terror sempre nos faz repensar a nossa própria realidade. O quanto conhecemos de quem nos cerca? O que nos diferencia das outras pessoas? Se estivéssemos na mesma situação de Anna, na história de Gruber, presas numa vida forçada, não desejaríamos fazer um pacto com um monstro para ganhar outro futuro? De quantas decisões já não nos arrependemos?

Ao nos apresentar diversos conceitos de verdade em *A paixão segundo G.H.*, Clarice Lispector nos mostra que, às vezes, nós criamos nossa própria verdade (e podemos mentir para nós mesmos até acreditarmos nessa mentira porque isso torna nossa vida mais simples). A realidade não é única, o que parece contraditório, mas uma boa pessoa escritora consegue trabalhar questões internas em realidades impossíveis e fantásticas e a boa pessoa leitora consegue traduzir isso para a própria vida. É o que planejo trabalhar no resto desta novela, que segue de maneira mais intensa para o fantástico a partir desse momento de metamorfose.

Os conceitos de realidade deixam de ser externos após a metade do livro e se voltam para dentro. Jasmim viveu um trauma intenso que resulta numa raiva quase incontrolável. Ela passa por momentos em que não sabe se a violência que deseja com tanta intensidade vem dos traumas que sofreu ou se ela é resultado da metamorfose, visto que todas as outras sereias que aparecem na obra também carregam esse ódio.

Estudar o terror de maneira mais aprofundada me ajudou bastante a decidir quais caminhos desejo seguir com o livro. Jasmim não vai descobrir se a violência que carrega é sobrenatural ou não, assim como nós também atravessamos a vida sem saber se o que carregamos é inerente ou resultado de alguma experiência específica.

REFERÊNCIAS

CRANE, Cassidy. Female Domestic Literary Horror through the Lens of the Contemporary Work of Carmen Maria Machado, **Student Scholarship**, Ohio, n. 117, 2022. Disponível em: <https://bitly.co/MJBA>. Acesso em: 14 nov. 2023.

GRUBER, Daniel. **A floresta**. Porto Alegre: O Grifo, 2021. *E-book*.

KING, Stephen. **Dança Macabra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MELO, Marcelo B. Marques de. **Autópsias do Horror: A personagem de terror no Brasil**. São Paulo: LCTE Editora; FAPESP, 2011.

REYES, Xavier Aldana. **Horror: A literary history**. London: The British Library, 2020.